

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

MAPAS E VIAGENS:  
EMBATES ENTRE OS PROCESSOS CRIATIVOS E OS SENTIDOS HEGEMÔNICOS

**Vitor Emanuel Gripp**

**Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida**

**Niterói**

**2014**

**Vitor Emanuel Gripp**

MAPAS E VIAGENS:  
EMBATES ENTRE OS PROCESSOS CRIATIVOS E OS SENTIDOS HEGEMÔNICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida

**Niterói**

**2014**

G868 Gripp, Vitor Emanuel Alves de Souza.  
Mapas e viagens: embates entre os processos criativos e os  
sentidos hegemônicos / Vitor Emanuel Alves de Souza Gripp. – 2014.

85 f.

Orientador: Leonardo Pinto de Almeida.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia,  
2014.

Bibliografia: f. 81-85.

1. Psicologia. 2. Relato de viagem. I. Almeida, Leonardo Pinto de.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e  
Filosofia. III. Título.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida (orientador)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dra. Heliana Conde Rodrigues  
UERJ

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao acaso.

Ao meu pai Ronaldo e à minha mãe Tiana, por todo o amor e suporte em todos meus anos de vida. Ao meu irmão Lucas Santiago e à minha irmã Ana Vitória, por estarem presentes mesmo longe.

Agradeço aos professores do mestrado pelas aulas que sustentaram importantes discussões e pelos momentos fora da sala de aula em que as teorias e as angústias da pesquisa encontraram espaço para serem tratadas. Agradeço especialmente ao Léo pela paciência na orientação.

Agradeço à cada um dos companheiros de mestrado pelo convívio dentro e fora dos espaços acadêmicos. Foi de suma importância trocar ideias teóricas e compartilhar as dificuldades de escrita com outros que passavam pelo mesmo processo.

À pesquisa Gestão Coletiva dos Sonhos, espaço potente que me acompanha desde a graduação. Agradeço à cada um dos diferentes integrantes que em algum momento compuseram este grupo, em especial, aos que fizeram parte deste momento de construção da dissertação: ao Abrahão por sustentar os encargos da coordenação com sutileza e leveza, ao Tarso pelas enriquecedoras discussões, à Gabi pelo entusiasmo com que embarca em cada nova viagem, à Diana e à Fernanda por se angustiarem com cada novo tema, possibilitando a construção de novas perspectivas.

Ao BoaCia, espaço de trabalho e formação. Camila, Diana, Jô e Yuri, companheiros presentes nas dificuldades e alegrias do trabalho clínico.

Ao Etoe, colega de mestrado e companheiro de apartamento.

Aos amigos Friburguenses, agora espalhados por diferentes cidades: Lucas, Germano e Heitor, com certeza amizades para toda vida.

À Mari, companheira de viagens e caminhadas infundáveis.

Ao Hélio, amigo de bares e videogame.

Ao Marcelo Santana, professor e amigo.

Ao João, o Maroto, sempre presente nas horas certas.

Agradeço de maneira especial aos amigos de Niterói que são minha segunda família: Gabriel, Gabi, Guilherme, Lucas, Pedro Batatinha, Rayssa e Tarso.

Por fim agradeço à todos que, de alguma maneira, fizeram parte desta etapa que se concretiza.

## **RESUMO**

Ao longo do texto pretendemos delinear as linhas que formam o embate entre os processos de criação e as capturas efetuadas pelo sistema capitalista. Buscamos ferramentas que nos permitam pensar maneiras singulares de se relacionar consigo e com o mundo. Mostrando como há um processo de criação que forma a realidade e os signos que tomamos como naturais, pretendemos indicar que as criações, e aqui incluímos aquelas que pejorativamente o sistema aponta como delirantes, são construções de sentido para experiências intensivas. Estes sentidos podem ser compartilhados coletivamente, permitindo que sejam apropriados por diferentes sujeitos, fazendo emergir planos de partilha. Usaremos a série *O Guia do Mochileiro das Galáxias* como bússola e, através das situações e cenas apresentadas nos livros, usaremos o conceito de viagem para entender os processos de criação de sentido como possibilidade de construção de territórios de partilha que resistam às coordenadas hegemônicas impostas pelo sistema.

### **Palavras Chave**

Agenciamento, Viagem, Construção de Sentido

## **ABSTRACT**

Throughout the text we intend to delineate the lines that form the struggle between the processes of creation and the catches made by the capitalist system. We seek tools that allow us to think of singular ways to relate to each other and the world. Showing how there is a process of creation that shape reality and the signs we take as natural, we intend to indicate that the creations, and here we include those pejoratively system indicates how delusional, are constructions of meaning for intensive experiences. These senses can be shared collectively, allowing them to be appropriate for different individuals, giving rise to plans of sharing. We will use the series *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy* as a compass, across situations and scenes presented in the books we use the concept of journey to understand the processes of creation of meaning as the possibility of construction of sharing territories that resist hegemonic coordinates imposed by the system.

### **Key words**

Agency, Journey, Construction of Meaning

*If the doors of perception were cleansed everything would appear to man as it is, infinite*

William Blake

## SUMÁRIO

Introdução .....	01
1 A construção do mapa na dinâmica com o sistema operacional .....	08
1.1 A comunicação, desvios pelos agenciamentos .....	17
1.2 A Onisciência, os processos de tornar-se outro .....	34
2 Acerca da Loucura .....	50
2.1 Loucura, sistema operacional e linguagem .....	51
2.2 Louco e loucura, o processo e o mapa .....	59
2.3 Delírio e a construção de um povo que falta .....	71
Considerações Finais .....	79
Referências Bibliográficas .....	81

## Introdução

Arthur Dent acordou atordoado, a cabeça doía, estava enjoado, percebeu que havia grandes chances de estar com ressaca. Andando pela casa, olhou através da janela e viu um grande trator estacionado em seu jardim. Deixou passar, continuou a rotina matinal, escovou os dentes, se vestiu, foi para o jardim e deitou no chão, em frente ao trator. Um desvio rodoviário iria ser construído na região, e, por acaso, a residência de Arthur estava no meio do percurso. O trator em questão fora enviado pela prefeitura para retirar a velha casa que impedia que a estrada fosse construída.

Não sabia Arthur que naquele dia este era o menor de seus problemas. Em meio à confusão de funcionários revoltados com o homem deitado no chão impedindo que trabalhassem, surge Ford Prefect, grande amigo que, ao contrário do que Arthur pensava, não era de Guilford, mas sim de um outro planeta perto de Betelgeuse. Ford era correspondente do Guia do Mochileiro das Galáxias, havia chegado à Terra para fazer uma pesquisa de campo mas, o que era para ser uma curta viagem, virou uma estadia de quinze anos. Porém, naquela manhã, havia captado sinais de naves espaciais em direção à órbita terrestre. Por um lado, foi tomado por uma grande felicidade, afinal, era a oportunidade que esperava há quinze anos, a oportunidade para pegar carona e sair daquele planeta isolado em uma das bordas mais pacatas da galáxia, por outro, o sinal que havia captado era de uma frota de espaçonaves Vogons.

Os Vogons são conhecidos como uma das raças mais desagradáveis de toda a Galáxia. São mal-humorados, insensíveis e extremamente burocráticos. Uma frota de construção Vagon orbitando um planeta não é um bom presságio, principalmente para os habitantes do planeta em questão. Naquela terça-feira, a frota Vagon orbitava a Terra com claras diretrizes: destruir o planeta para dar passagem a uma via expressa do hiperespaço

Quando Ford explica para Arthur que a preocupação com sua casa é irrelevante, visto que, em menos de quinze minutos o planeta no qual ela se apoia deixará de existir, começa uma nova etapa na vida do pacato terráqueo Arthur Dent.

Assim começa o primeiro livro da série *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, escrita por Douglas Adams entre 1979 e 1992. Adams, com maestria, equilibra situações cômicas e surreais com sátiras sutis a respeito das mais diversas instituições políticas e sociais. Mescla momentos de humor *nonsense*, uma das marcas registradas do grupo Monty Python do qual fez parte, com

momentos de extrema beleza poética e filosófica. O *Guia do Mochileiro das Galáxias* mostra a busca por perguntas e respostas, os incessantes acasos que trazem o inesperado. Acima de tudo, são livros cujo protagonista é a viagem por essa coisa sem sentido que chamamos de vida.

Arthur Dent, terráqueo, vive em uma pequena cidade Inglesa, mora em uma bela casa em um tranquilo subúrbio, todos os dias vai ao trabalho, algumas noites por semana vai a *Horse and Groom*, o velho pub onde encontra cerveja e conversa com amigos. Arthur circula por entre estes e outros territórios, a casa, o trabalho, todos os diferentes espaços por onde passa no cotidiano, formam um intrincado mapa. Este mapa é formado por uma geodésica<sup>1</sup> onde territórios criam caminhos de circulação. Arthur não é apenas um agente em um mundo passivo, é mais do que um personagem em um cenário, Arthur é o próprio mapa. Ao subtrair a casa, as pessoas com quem convive, os ambientes por onde passa cotidianamente, não encontraremos a essência de Arthur, pois é a partir de todos estes elementos que um sujeito emerge.

No cotidiano, os elementos que formam o mapa se repetem: territórios aparecem como fixos, os mesmos caminhos são trilhados. Este movimento cria a apropriação cotidiana do mapa, formando a aparência da estabilidade que faz emergir um sujeito. Entretanto, mesmo na mais dura repetição, modificações ocorrem. Os territórios são formados por múltiplos elementos, cada elemento possui signos e enunciados que funcionam como parciais de agenciamentos<sup>2</sup>. Em sua multiplicidade, estes elementos variam em conexões, tornando as territorialidades construções metaestáveis em constante variação. Estas podem ser mínimas, gerando aparência de fixidez onde conexões constantemente são feitas e desfeitas.

Tomemos como exemplo um território presente no mapa: a casa. Trata-se de um importante ponto de ancoragem funcionando como um dos principais lócus de organização da vida cotidiana. A casa não é de um sujeito, ela é parte do agenciamento que o forma, é parte daquilo que se experimenta como um eu. A casa não é meramente um espaço físico, antes disso, é um espaço intensivo cuja multiplicidade de elementos ao se agenciarem constituem um sujeito. Os diferentes cômodos, as peças de mobiliário, objetos que são lembranças de outros lugares e

---

<sup>1</sup> Geodésia é o ramo da geociência que trata das representações da superfície terrestre levando em consideração as formas naturais e artificiais, bem como o campo gravitacional. Também levamos em consideração o termo geodésica como menor distância entre dois pontos, podendo esta ser uma reta em um espaço plano ou uma curva como nas aplicações da geometria riemana na Teoria da Relatividade Geral.

<sup>2</sup> Agenciamento descreve a junção de um conjunto de relações materiais e um regime de signos correspondente. Agenciamento, no original francês *agencement*, possui sentido de montagem, sendo formado por parciais que encontram sentido e concretude na relação que estabelecem.

tempo, fotos, outras pessoas que em diferentes momentos passaram por este espaço, são parcialidades que, no cotidiano, de diferentes formas, se agenciam na experiência diária do mapa. Ainda que haja uma constância, esta é construída cotidianamente fazendo uso dos diferentes elementos presentes. Da mesma forma o trabalho, os ambientes de lazer, as diferentes relações que se estabelecem, formam territórios mais ou menos fixos que constroem o mapa.

O sujeito é o mapa, e cada mapa, em sua singularidade, está dentro de um sistema operacional. Arthur Dent é um terráqueo, o que significa que para sobreviver precisa negociar com os parâmetros terrestres. Por exemplo, seu corpo precisa ser capaz de suportar o peso a uma força gravitacional de  $9,75 \text{ m/s}^2$ , entre outros parâmetros, a terra forma o primeiro horizonte de sentido com seus enunciados específicos com o qual é necessário negociar. Arthur Dent é inglês, o que significa que habita uma região específica do globo terrestre com seus próprios horizontes de sentido, que possui sua língua, seus costumes e enunciados que estabelecem regras de convivência. Todos estes aspectos formam uma cultura, um sistema operacional, no qual o mapa de cada sujeito se registra se apropriando de determinados enunciados e sentidos.

O sistema operacional registra as experiências atribuindo sentidos a elas, criando construções perceptuais específicas que permitem que mapas singulares compartilhem a realidade, possibilitando que diferentes experiências sejam comunicadas e sentidos compartilhados. Em diferentes espaços-tempo, diferentes sistemas operacionais criam o plano de partilha, onde os signos da realidade podem ser coletivamente compartilhados por aqueles mapas que se registram nas coordenadas do sistema.

No momento histórico atual, o capitalismo em seu movimento de globalização emergiu como sistema operacional presente em todos os pontos do globo. Ainda que em cada ponto geográfico as singularidades culturais modifiquem aspectos do sistema, o capitalismo é possuidor de grandes enunciados hegemônicos. Tais enunciados são tomados pelo mapa, criando traçados e territórios.

Uma das características do capitalismo como sistema operacional é o seu potencial de apropriação de novos enunciados. Em sua lógica de consumo, o sistema cria formas pré-estabelecidas que são consumidas na busca por formar singularidades homogêneas a partir dos enunciados dominantes. Ao chegar a outros países, por mais distantes que estejam, não estranhamos ao encontrar as mesmas redes de restaurantes, as mesmas marcas, os mesmos costumes familiares. O capitalismo vende processos de subjetivação prontos, enunciados que se

pretendem fixos<sup>3</sup>. O poder do capitalismo está em seu potencial de apropriação, em sua capacidade de inserir rapidamente os processos emergentes dentro da lógica de consumo, que por sua vez insere as criações em territorialidades previamente fabricadas com enunciados e signos que corroboram com as conexões que fortalecem o sistema.

Experimentamos essa prática no nosso cotidiano, nas propagandas comerciais, nos programas televisivos, nas notícias dos jornais, naquilo que se compartilha pelas redes sociais, etc. Tudo isso transmite enunciados que criam linhas e territórios nos mapas. Ao homogeneizar a singularidade dos mapas, o sistema imputa sua forma de perceber a realidade e dificulta a emergência de sentidos divergentes. Contudo, por mais que se pretenda totalizante, o sistema não é capaz de capturar todas as criações efetuadas pelos mapas.

É neste embate que se localiza esta dissertação. Neste trabalho pretendemos usar *O Guia do Mochileiro das Galáxias* como bússola, e, através das situações e cenas apresentadas nos livros, entender como os mapas produzem processos de criação na dinâmica com o sistema operacional. Para tal empreitada um conceito servirá de fio condutor: viagem. Entendemos como viagem o movimento de abertura dos agenciamentos que formam o mapa, momento entre a abertura de um território e a criação de um novo.

No sentido comum o termo viagem indica movimento para algum ponto distante. A primeira definição de viagem no dicionário Michaelis é: “Caminho que se percorre para chegar a outro lugar afastado”. Viajar é o entre de dois territórios, é o ato de se mover de um ponto a outro, se deslocar por rotas e territórios que não estão presentes no mapa cotidiano. A viagem permite a abertura dos agenciamentos que formam as percepções hegemonicamente compartilhadas, possibilitando ao sujeito experimentar novas intensidades e criar novos territórios no mapa.

A viagem tem como condição a abertura dos agenciamentos que formam o mapa. Tal movimento está diretamente ligado aos processos de criação. É a partir da dissolução do eu, em outras palavras, da abertura dos agenciamentos que formam o mapa, que os processos de criação de novos sentidos e formas podem ocorrer. Neste viés, viajar possibilita a criação de novos enunciados e signos, estes, podem ser capturados pelo sistema, sendo colocados nas lógicas pré-

---

<sup>3</sup> Neste sentido Suely Rolnik (1997) indica que o capitalismo produz subjetividades *prêt-à-porter*, kits de perfis-padrão que ao serem consumidos tendem a homogeneizar os processos de produção subjetiva.

formatadas. Por outro lado, podem também ser focos de resistência, fazendo com que emergjam signos que trapaceiam aquilo que o sistema impõe.

Viagens são perigosas para o capitalismo, pois podem criar enunciados divergentes e novas formas perceptuais de compartilhar a realidade, desta maneira, o sistema cria mecanismos de captura que diminuem a potência criadora. Para viajar não basta ir a uma terra distante, é preciso experimentar o deslocamento, que é a possibilidade de criação. Neste sentido podemos pontuar que há uma grande diferença entre viagem e turismo. Este último, em suas diferentes formas, vende territórios pré-formatados. Em uma escala global, vende culturas como produtos a serem consumidos através de determinados enunciados. O deslocamento passa a ocorrer entre pontos familiares, atenuando o desconforto do encontro com o desconhecido, o poder da viagem diminui consideravelmente quando é abrandada a possibilidade de disparar processos de criação que criariam novas territorialidades.

Da mesma maneira, no cotidiano, enunciados visam produzir formas homogêneas de experienciar a realidade. Signos e enunciados bombardeiam os mapas indicando maneiras específicas de ser e de viver. Os signos divergentes são tomados, e caso se encaixem na lógica do sistema, são incorporados nos enunciados dominantes, caso contrário, o sistema faz o possível para expurgá-los ou deixá-los à margem, como um pária que habita as zonas limítrofes da significação do sistema.

Tomando viagem como movimento para fora do mapa, entendemos que não apenas os deslocamentos físicos e geográficos são viagens. Mesmo no sentido comum há relação entre a palavra viagem e experimentações de novos sentidos. Uma conversa pode ser uma viagem, a leitura de um livro, a apreciação de uma música, o vislumbre de uma paisagem, o uso de uma substância. Todas essas experimentações podem levar o sujeito a explorar sentidos e intensidades que não estão presentes em seu cotidiano. Dessa maneira, tomando a dinâmica entre o mapa e seu registro no sistema operacional, a viagem aparece como condição de possibilidade dos processos de criação, sejam eles as diferentes expressões artísticas, as invenções do cotidiano ou o processo de emergência de si e mundo.

*O Guia do Mochileiro das Galáxias* é um relato de viagens, não apenas de Arthur Dent, outros personagens de diferentes mundos compõem a narrativa. Usando esta narrativa pretendemos, através do conceito de viagem, esmiuçar a relação entre o mapa e o sistema

operacional e os embates oriundos da emergência dos processos de criação. Para tal, a dissertação encontra-se dividida em duas partes.

No primeiro capítulo será trabalhada a dinâmica entre o mapa e o sistema operacional. Usando o conceito de agenciamento, daremos destaque a uma questão: a linguagem como constituidora da realidade. Tomamos aqui linguagem como um conjunto de signos que criam a percepção coletivamente compartilhada que chamamos de realidade. Com o conceito de agenciamento a linguagem aparece em sua dimensão performática, como parte do movimento de abertura e fechamento dos territórios. Neste viés, a viagem, tomada como movimento de abertura dos agenciamentos que formam o mapa, é a possibilidade de criação de novos enunciados e territórios, podendo estes tanto ser apropriados pelo sistema quanto criar novas formas perceptuais de emergência da realidade.

O mundo como experimentamos, os signos que compartilhamos, a maneira como nos percebemos e como nos relacionamos com o outro, são criações históricas. Os sentidos que criam as percepções compartilhadas não possuem uma essência de suas formas, são criações contingentes que emergem a partir de um plano intensivo prévio a qualquer sentido e forma. A astúcia do capitalismo consiste em criar formas prontas e homogêneas que diminuem o acesso a este plano. Por outro lado, a viagem, ao diluir o eu e os enunciados do sistema, mergulha no plano das intensidades de onde a criação pode emergir. Há uma peleja entre as apropriações do sistema que visam unicamente sua lógica e os processos de criação que podem apresentar planos de partilha que divergem das percepções criadas pelos enunciados e signos dominantes.

Com as discussões apresentadas podemos perceber como a realidade é a construção de determinados enunciados que, em sua performatividade, criam percepções coletivas. Tomamos a viagem como possibilidade de ir além do instituído, trazendo à tona a possibilidade de criar planos de partilha onde novas formas de se relacionar com o mundo são possíveis.

Os processos de criação ocorrem em diferentes procedimentos, por suas características destacamos um destes: a loucura. No segundo capítulo usaremos os conceitos e questões trabalhados para pensar a loucura. A partir da viagem, tiramos o delírio do campo da patologia para colocá-lo no campo da produção social. As construções delirantes são usos de enunciados que na maior parte das vezes não correspondem àqueles usados pelo sistema operacional vigente. O louco, ao dissolver seu mapa, viaja pelo plano das intensidades, ao retornar constitui territorialidades com horizontes de sentido que podem construir diferentes usos para os

enunciados instituídos. A loucura é uma experiência de sentido, e como tal não é patológica em si, mas passa a ser quando o sistema dificulta que os sentidos criados sejam compartilhados, fazendo com que o delírio se torne uma produção individual em oposição à realidade.

Dentro do sistema operacional, o louco cria um mapa que passa por diferentes coordenadas espaço-tempo, para dar sentidos e signos a viagem busca em outras histórias e geografias as coordenadas para criar um mapa. Assim, o mapa diverge daquele hegemonicamente estabelecido, e, ao comunicar sua experiência, o louco discorda da percepção hegemônica. O louco trapaceia o sistema. Dentro e a partir do sistema operacional consegue criar outros horizontes de sentido. À medida que um coletivo se cria em torno deste horizonte, uma experiência perceptual pode ser compartilhada, em uma criação coletiva de um território com seus próprios enunciados e princípio de decifração interno.

A viagem é o momento onde, diluídos os agenciamentos, é possível experienciar o plano de puras intensidades. Entretanto, é de suma importância que a abertura seja sucedida pelo fechamento. É necessário retornar, criar territórios que permitam a comunicação e partilha daquilo que foi experienciado. A loucura em sua singularidade cria mapas com signos e enunciados próprios, a linha que separa a criação da patologia é a possibilidade de criar territorialidades comunicacionais que permitam a partilha de signos e enunciados.

Ao longo do texto pretendemos delinear as linhas que formam o embate entre os processos de criação e as capturas do sistema. Buscamos ferramentas que nos permitam pensar maneiras singulares de se relacionar consigo e com o mundo. Mostrando como há um processo de criação que forma a realidade e os signos que tomamos como naturais, pretendemos indicar que as criações, e aqui incluímos aquelas que pejorativamente o sistema indica como delirantes, são construções de sentido para experiências intensivas. Estes sentidos podem ser compartilhados coletivamente, possibilitando que sejam apropriados por diferentes mapas, fazendo emergir planos de partilha.

## 1 - A construção do mapa na dinâmica com o sistema operacional

“O Universo, como já foi dito anteriormente, é um lugar desconcertantemente grande, um fato que, para continuar levando uma vida tranquila, a maioria das pessoas tende a ignorar”  
(ADAMS, 2009a, p72)

O Universo é um lugar grande, se estende infinitamente em todas as direções. Dentro do Universo existem infinitos superaglomerados com incalculáveis galáxias e estrelas. Um destes superaglomerados, chamado de superaglomerado local ou de Virgem, possui diâmetro de 200 milhões de anos-luz. Dentro desta vastidão, cobrindo 5% do diâmetro, está o grupo local de galáxias formado por mais de 35 galáxias, entre elas, está a Via Láctea. Dentre as bilhões de estrelas que fazem parte desta galáxia existe uma chamada Sol, cujo campo gravitacional forma um sistema. A 149.600.000 km de distância deste sol orbita um pequeno planeta verde azulado chamado Terra.

A Terra é o primeiro horizonte de sentido para todos os seres que nela habitam: sua inclinação, massa, distância do sol, e muitos outros fatores, criam determinadas condições de possibilidades. Qualquer manifestação de vida, desde os mais simples organismos unicelulares aos mais complexos animais e vegetais, precisa negociar com os parâmetros terrestres que formam um horizonte de sentido. Este define as possibilidades de significação, é o limite criando o campo de ação onde os agenciamentos e criações são negociados. Por exemplo, o campo gravitacional terrestre faz com que a aceleração da gravidade seja de aproximadamente  $9,75 \text{ m/s}^2$ , para poder voar é necessário negociar com esta força. No seu caminho evolutivo, as aves passaram por mutações que criaram características que permitiram o voo, o desenvolvimento das penas, ossos pneumatizados, o sistema de sacos aéreos, etc., possibilitaram que as aves negociassem com as forças do campo gravitacional e ganhassem o céu.

O horizonte de sentido das aves não pertence ao ser humano, ao contrário destas, o corpo humano é biologicamente incapaz de voar. Para tal façanha, foi necessário aos humanos desenvolver tecnologias que modificassem seu horizonte de sentido e o permitissem a conquista dos céus.

A Terra como primeiro horizonte de sentido ganha outros nuances. Além do endereço cósmico é necessário levar em consideração a localização geográfica dentro do planeta. Dessa

maneira, em diferentes zonas habitam diferentes espécies que a todo tempo negociam com o meio para se manterem vivas.

Cada corpo vivo possui sua especificidade, possui determinadas características que se inserem em agenciamentos com as características da Terra. Por exemplo, um peixe que habita o oceano tem seu aparato biológico próprio para as condições em que vive, possui órgãos que tornam possível a vida no oceano e que tornam impossível a vida em águas doces ou sob a superfície terrestre.

Da mesma forma, o ser humano possui um aparato biológico para sobreviver em determinadas condições. Contudo, o ser humano criou maneiras de viver em diversas condições geográficas, de climas tropicais a desertos, do nível do mar às mais altas cadeias montanhosas. De variadas formas o homem criou maneiras de negociar com a geografia local, permanecendo a mesma espécie foi capaz de criar as mais variadas formas de se relacionar com seu ambiente e com aqueles com quem convive. Assim, povos ocuparam os Andes criando culturas específicas e construindo formas de extrair da região seu sustento, da mesma forma, no deserto do Sahara diversos povos berberes construíram maneiras de ali viver e sua própria cultura com seus próprios enunciados e maneiras de significar o mundo e as experiências. Diferentes povos em diferentes espaços-tempo criaram diferentes horizontes de sentido.

Por mais que o corpo humano possua um limite biológico, diferentes povos de diferentes maneiras construíram suas próprias maneiras de perceber e significar seu mundo. Como coloca Huxley, “Certos pensamentos são virtualmente impensáveis, salvo em termos de uma linguagem apropriada e dentro do marco de um apropriado sistema de classificação” (HUXLEY, 2010, p22). Cada sociedade possui suas redes de signos e enunciados que conferem sentidos às experiências, a maneira como se percebe o mundo é inseparável do espaço-tempo onde está inserida. Cada coletividade cria instrumentos que possibilitam a partilha de suas experiências, variadas formas de concepção e expressão dos sentidos. Huxley afirma que, por longos períodos da história, homens e mulheres não prestaram atenção aos problemas que foram caros para seus descendentes. Dentro de diferentes horizontes de sentido emergem diferentes maneiras de perceber o mundo e com ele se relacionar. Os horizontes de sentido criam uma percepção coletivamente compartilhada que é própria de sua localização no espaço e no tempo, é de acordo com os enunciados presentes que determinados aspectos ganham relevância em detrimento a outros.

Percebemos o mundo através de nossos sentidos, tomemos como exemplo a visão: um feixe de luz incide sobre um objeto qualquer, determinados comprimentos de ondas são absorvidos, outros refletidos. Estes últimos chegam ao aparato visual, cones e bastonetes são sensibilizados, o cérebro interpreta as informações e percebe o objeto exterior, suas cores, forma, profundidade. Este simples exemplo pode nos induzir ao erro de tomar a percepção visual como fato natural que ocorre da mesma maneira em todos os seres humanos, independentemente do local onde vivem ou a que cultura pertencem. Entretanto, mesmo a percepção visual é uma construção coletiva dentro de um horizonte de sentido. Os esquimós designam em sua língua dezenas de tons de branco onde um homem de outro lugar distinguiria poucos tons. O antropólogo brasileiro José Carlos Rodrigues (1999) nos indica que a sensibilidade que temos hoje (seja auditiva, gustativa, tátil, visual ou olfativa) tem um percurso histórico e significações dentro de cada época. O senso estético de nossa época, a valorização da visão como modo privilegiado de relacionar-se com o mundo, a preocupação com a higiene, as preferências amorosas e sexuais e toda a gama de aspectos que não nos preocupam, pois tomamos como naturais, tem todo um percurso rico de variações: “O passado não está apenas no passado: ele constitui nossa sensibilidade” (RODRIGUES, 1999, p.16). A história e as tradições de um povo são parte da materialidade de suas percepções, são enunciados que constroem corpos e maneiras de se relacionar com o outro. O mapa é constituído no seio do contexto histórico e geográfico que cria sentidos específicos partilhados pela coletividade onde se insere.

Cada povo humano, em sua localização espaço-temporal, criou uma maneira compartilhada de perceber o mundo: a maneira como um povo produz seu alimento, se organiza socialmente, cria instituições, cria sentido para as experiências, faz parte de uma organização coletiva que permite a partilha dos significados e experiências.

É nesse sentido que Terrence Mackenna (2007) coloca que a cultura é nosso sistema operacional. Para o antropólogo, não ficamos nus quando tiramos nossa roupa, permanecemos vestidos com nossas concepções religiosas, morais, medos, parâmetros sociais, etc. Nossa cultura permanece como a vestimenta invisível que recobre nosso corpo e aparato sensorial. O modo como percebemos o mundo não é puro, há toda uma infinidade de linhas nos atravessando.

Para Terrence Mckenna (2007) tratar a cultura como sistema operacional significa levar em consideração que as coisas mais simples, como a percepção de cores, até as mais complexas,

como o modo como me relaciono com o outro, são construções sociais dentro de um determinado contexto histórico e geográfico.

Sistema operacional é um conceito que tem origem na informática, neste campo, um sistema operacional é o programa que gerencia os recursos de um sistema, desse modo, para determinado programa rodar deve ser compatível com o sistema operacional. Este é uma espécie de programa de fundo, criando o plano no qual outros programas rodam, superfície de registro que torna possível outros programas.

Para nós, há um importante aspecto nos sistemas operacionais: são constituídos por linguagem. A linguagem de programação é um conjunto de regras sintáticas e semânticas usadas para definir um programa. É a linguagem que programa o sistema, entre outras funções, criando o modo como os diversos processos serão gerenciados e controlando a entrada e saída de dados. Ao tomar a cultura como sistema operacional, pretendemos dar relevância a dois aspectos: O sistema operacional como superfície de registro que confere sentido às experiências e mostra que a base programacional do sistema é um tipo de linguagem.

Tomando este último aspecto, entendemos que há uma base de linguagem que define o modo como sujeito e mundo emergem como experiência. No livro *O alimento dos deuses*, Mckenna (1995) trabalha o que denomina de “ponto de vista do xamã psicodélico”. Neste ponto de vista, o mundo existe como expressão de uma narrativa que se torna real enquanto é contada e enquanto conta a si mesma. No mundo do xamã as narrativas contadas criam a realidade, fundam a experiência compartilhada de um povo. Nossa sociedade também possui seus discursos e narrativas, os preceitos morais, concepções religiosas, os discursos científicos, são exemplos de redes de signos que formam linguagens que fundam a realidade.

O termo linguagem parece estar diretamente ligado ao sistema de significantes, a um idioma ou língua, entretanto, a linguagem é um sistema de signos, e os signos antes de serem discursivos são existenciais. Este sistema não está isolado, articula-se com diversos outros sistemas de signos, a linguagem faz parte de uma rede de outros signos que circulam em dada sociedade. Signos que não são apenas linguísticos, mas, que podem ser sexuais, econômicos, monetários, religiosos, etc. “A cada momento da história de uma cultura corresponde um determinado estado de signos, um estado geral dos signos” (FOUCAULT, 2000 p.163). O que chamamos de realidade é uma experiência perceptual coletivamente compartilhada, feita da

negociação entre diversos horizontes de sentidos que criam o sistema operacional tomado como sistema de signos dentro de um contexto histórico e geográfico.

Ao deixar a Terra e viajar por outros mundos, Arthur de alguma forma esperava encontrar as mesmas coordenadas experienciais de seu cotidiano, ainda não havia se dado conta de que viajar tem como condição deixar aspectos de seu mapa, experimentar variações, encontrar o desconhecido. Com o tempo, passa a perceber “que várias coisas que julgava naturais, como comprar presentes de Natal, parar no sinal vermelho ou despencar a uma aceleração de  $9,75\text{m/s}^2$ , não passavam de hábitos do seu mundo e não funcionavam necessariamente da mesma maneira em outros lugares” (ADAMS, 2009d, p89). A rotina e o cotidiano tendem a naturalizar os signos, por exemplo, como pedestres ou motoristas seguimos as regras de trânsito, inconscientemente confiando que outros farão o mesmo. Sem perceber fazemos uso de grande quantidade de convenções sociais, gestos, atitudes, enunciados, a acurácia de certos aspectos perceptuais em detrimento a outros são construções históricas. Nas vivências do dia a dia grande parte da partilha de sentido ocorre de maneira automática. O sistema operacional tende a naturalizar seus sentidos e enunciados, fazendo com que grande parte dos signos que formam o repertório comunicacional sejam usados de maneira tácita.

No trabalho, no lazer, uma imensa gama de signos formam enunciados que conferem sentidos às experiências. Estamos tão habituados a tais signos e enunciados que ficamos surpresos ao nos depararmos com algo que deles desvie. Arthur acreditava que independentemente de onde estivesse encontraria a familiaridade de seu cotidiano, mas a experiência mostrou o contrário. A viagem, seja para outra galáxia ou um desvio dentro dos itinerários cotidianos, opera uma decodificação (em maior ou menor grau) de um ou vários enunciados que formam o mapa.

Os enunciados são contingentes, próprios de cada sistema operacional. No atual momento histórico o capitalismo é o sistema operacional, através da globalização se encontra presente na maior parte do planeta. Ainda que, em diferentes localizações, as especificidades culturais possuam enunciados e signos singulares, determinados horizontes de sentido permanecem formando um plano onde os mesmos signos podem ser partilhados em diferentes línguas e culturas.

O capitalismo tende a homogeneizar os processos de construção dos mapas, dissemina globalmente enunciados que se transformam em objetos de desejo, criando subjetivações em

massa dentro de territorialidades que corroboram com a sua lógica. Por exemplo, o documentário de 1998 *The Cola Conquest* mostra como, através de slogans e propagandas, a Coca-Cola passou de uma simples bebida carbonada a um ícone de consumo. Mais do que uma bebida, a Coca-Cola Company vende uma imagem de vida com grande peso na sociedade. Em diferentes partes do globo as propagandas variam, signos locais são usados, aspectos próprios de cada cultura entram em cena, entretanto, as diferenças visam à homogeneidade. O documentário mostra como, com o fim da União Soviética, a Coca-Cola entrou neste novo território, fazendo uso dos signos daquele momento histórico vendia sob a forma de refrigerante um modelo ideal de vida desejado.

Na relação com o sistema operacional, a viagem pode desencadear focos de resistência, formando planos de sentidos divergentes dos instituídos na lógica hegemônica. Entretanto, estes podem ser incorporados à territorialidades pré-fabricadas com enunciados que esgotam seu potencial instituinte. O capitalismo faz uso de diferentes signos para manter sua lógica. Uma viagem pode criar novos sentidos e estes podem rapidamente ser inseridos nas coordenadas do sistema.

Sujeito e mundo são construções de sentido provisório, emergem da negociação entre os territórios que formam o mapa e os horizontes de sentido dentro de um determinado contexto e em constante mudança. São parciais de agenciamento, peças em conexão que adquirem sentido ao serem registradas no sistema operacional. Sujeito e mundo são derivações das combinações entre os diferentes agenciamentos que os formam, são construções procedentes dos movimentos e das combinações que constroem a realidade. Não há sujeito fora de um sistema operacional, da mesma maneira, não há sistema operacional sem o sujeito que o experiencie. O mundo, a realidade, a sociedade, a cultura, são instâncias históricas em constante mutação, se constituem dentro de um sistema operacional que as modifica e por elas é modificado. Frisemos, o que chamamos de realidade é uma percepção coletivamente compartilhada, negociada dentro das coordenadas de um sistema operacional.

O sistema operacional é formado por horizontes de sentido contingentes a determinado espaço-tempo. Todo mapa ganha sentido dentro de um sistema operacional, o que não significa que todos os mapas possuam os mesmos horizontes de sentido. Os horizontes de sentido criam limites para a significação das experiências, dentro de um contexto histórico e geográfico diversos horizontes de sentido se sobrepõe criando o conjunto de signos e enunciados que formando o sistema operacional permitem experiências compartilhadas de percepção e sentido.

Tendo em vista a infinidade de enunciados e signos dos diversos horizontes de sentido, e, conseqüentemente, do sistema operacional, cada mapa será formado por diferentes aspectos do mesmo sistema.

Dentro do mesmo sistema existem signos e enunciados conflitantes, horizontes de sentido que divergem entre si. Neste sentido, o sistema operacional, tomado como superfície de registro, é o último horizonte de sentido, criando o limite para as experiências, contudo, pela gama de diferentes horizontes de sentido que possui é possível que pequenas territorialidades coletivas possuam seus próprios signos e enunciados, formando pequenas comunidades que partilham percepções do real com suas próprias singularidades. Dentro de uma mesma comunidade nacional convivem diferentes grupos com suas próprias linguagens e símbolos. Coletividades com sistemas de significação próprios, que partilham um vestuário específico, signos sócio-afetivos, gostos, signos morais, concepções éticas, etc. Entretanto, por maior que seja a diferença entre dois grupos, a distância não excede o limiar que permite a partilha da realidade dentro das coordenadas do sistema operacional vigente. Este opera como último horizonte de sentido, registrando as diferentes formas de perceber a realidade em parâmetros que vigoram de acordo com a lógica do próprio sistema.

Neves (2004), nos mostra como em suas formas híbridas de dominação política e subjetiva o capitalismo sob o slogan da liberalização converte diferentes lutas em reféns do capitalismo financeiro. Por trás da liberdade vendida pelo sistema surge um limite, uma fronteira que as territorialidades detentoras de enunciados e signos divergentes não podem cruzar sem cair nos mecanismos de controle que enquadram o diferente em formas específicas, formas estas que indicam coeficientes possíveis para o desvio das coordenadas hegemônicas.

As viagens, ao fazerem uso dos interstícios entre os signos do sistema e as intensidades que permitem a criação, são a possibilidade de emergência de focos de resistência, constituindo territorialidades que combinam elementos em funcionamentos diversos aos impostos. Todavia, o capitalismo faz uso de estratégias de produção que se apropriam das potências criadoras, adaptando-as em possibilidades rentáveis que sustentam e mantêm o sistema.

Para entendermos as minúcias da viagem, é necessário aprofundar a relação entre o sujeito, tomado como mapa, e o sistema operacional. O sistema operacional confere sentido às experiências, entretanto cada mapa é singular. Por mais próximos que sejam dois sujeitos, seus

mapas são singulares, mesmo irmãos gêmeos criados no seio da mesma família possuem traçados que os diferenciam.

A relação entre o mapa e o sistema operacional se faz pela singularidade. Aqui, tomamos da física quântica o conceito de singularidade. De acordo com o físico Stephen Hawking (2012) uma singularidade é um ponto de densidade infinita, um ponto onde todo o espaço-tempo se comprime. Neste viés, singularidade expressa o instante que antecede a criação, o momento onde múltiplas probabilidades possíveis concretizam uma. Assim, o Big Bang é uma “Singularidade no início do universo” (HAWKING, 2012, p.222), ponto que condensa todas as possibilidades de configuração do espaço-tempo em um momento que dispara a criação, concretizando uma entre as infinitas possíveis. Seguindo esta linha de pensamento, o Big Bang é uma Singularidade Absoluta, pois, condensa em si todas as probabilidades de criação do Universo.

Por outro lado, os horizontes de sentido criados pelos enunciados do sistema operacional fazem do mapa uma singularidade relativa. Cada horizonte de sentido, cada enunciado, cada signo, delimita o plano de criação de sentidos. O mapa se cria manejando enunciados e com eles negociando, a singularidade não pertence a um sujeito, é um ponto onde múltiplas probabilidades podem se atualizar.

A singularidade de cada sujeito é sua própria impessoalidade. Dentro do mapa, o *eu* é uma parte qualquer, mais uma parcial de agenciamento entre tantas outras que criam rotas, caminhos, geografias, mais do que alguém, o mapa é uma geodésica que em sua singularidade atualiza a experiência de um sujeito.

Em uma conversa alguém diz a Arthur, “Você é muito estranho”, ao que ele responde: “Não, eu sou muito comum – disse Arthur -, mas algumas coisas muito estranhas acontecem comigo. Pode-se dizer que eu sou mais diferenciado do que diferente.” (ADAMS, 2009a, p228). *Diferenciado* deixa clara a dinâmica de um território, coloca em cena as forças que estão em jogo nos agenciamentos que formam o mapa. Tomando o diálogo como exemplo, podemos entender melhor a relação entre o sistema operacional e a singularidade. Arthur não se considera ‘diferente’, o que acarretaria em uma característica própria que o tornaria diferente, coloca-se como ‘normal’. Entendemos o que Arthur chama de normal como a experiência ordinária dentro das coordenadas do sistema operacional, Arthur é terráqueo, inglês, tem um emprego, paga as contas, possui número de identidade e registro na previdência social. Em seu mapa estão presentes diferentes territórios e instituições de uma idealidade de normalidade dentro do

sistema. Neste sentido, o normal nada mais é do que uma generalidade que abrange os grandes estratos que reconhecem determinadas experiências como normais de acordo com os enunciados e signos do sistema operacional.

Todavia, este normal apenas existe em sua idealidade abstrata. Podemos associá-lo ao que Deleuze e Guattari denominam de maioria, “uma constante de expressão ou conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é validada” (1995b, p43). O sujeito maior, pleno da normalidade do sistema é uma ficção, um ponto ideal. Por mais capturado dentro das coordenadas do sistema que um sujeito esteja, somam-se às coordenadas instituídas diferenciações que formam a singularidade de cada mapa. Neste sentido, Arthur acrescenta que coisas estranhas acontecem que o tornam ‘diferenciado’. Concomitantemente aos parâmetros sociais hegemônicos se associam processos de diferenciação que imputam diferenças na constituição de cada mapa.

Não há uma realidade subjetiva como forma ontológica da existência, não há um sujeito Arthur diferente, pois este é efeito dos agenciamentos que na negociação com o sistema operacional formam um mapa singular. Diferenciado, coloca em evidência modulações que afetam o sujeito na relação com o mundo. A singularidade não é o que torna um mapa diferente, tomada na relação com os movimentos de abertura dos agenciamentos que formam o mapa, a singularidade expressa as conexões que em constante processo de diferenciação criam e recriam os territórios e linhas que formam o mapa.

O capitalismo, como sistema operacional, procura enquadrar os processos criativos em territórios prontos que almejam a normalidade, entendida como a idealidade de vida proposta por seus enunciados. Em última instância, pretende se apropriar de todos os aspectos da vida “como se na falta de sua axiomática não pudéssemos nem mesmo agir ou pensar, como se ele fosse nosso próprio dentro e fora.” (NEVES, 2004, p146).

Constituído como sistema operacional, o capitalismo visa capturar os processos de criação em categorias uniformes, onde os processos de diferenciação singulares são capturados em categorias que constituem o sistema. Tomamos a viagem como possibilidade de criar territorialidades comunicacionais que versem por outras categorias, focos de resistência que potencializem as singularidades e coloquem em diferentes usos os signos do sistema. Para continuarmos, nos aprofundaremos no conceito de agenciamento, entendendo este como aspecto fundamental da dinâmica de construção da realidade.

## 1.1 - A comunicação, desvios pelos agenciamentos

“Venha comigo e se divirta. A galáxia é um barato. Só que você vai ter que pôr esse peixe no ouvido” (ADAMS, 2004, p48)

Arthur Dent abriu os olhos, estava tão escuro que não conseguia enxergar. Estava confuso e enjoado, Ford lhe assegurou que eram sintomas comuns ao passar por um raio de transferência de matéria, principalmente se fosse sua primeira vez. Ford encontrou o interruptor e acendeu a luz, estavam no compartimento de carga de uma nave Vogon. Em meio à estranheza de todos os aspectos daquele ambiente, Arthur procurava alguma coisa simples e compreensível, qualquer coisa minimamente familiar que o permitisse se situar. Mesmo que fosse um pacotinho de flocos de milho, não importava, precisava de algo, algum signo conhecido para refazer seu território.

De repente ouviu um ruído violento vindo de um lugar que não pôde identificar, ficou horrorizado com aquele barulho, um amontoado de grunhidos horrendos e sem sentido. Ford num um gesto rápido levou a mão ao ouvido de Arthur e inseriu um pequeno peixe. A sensação foi estranha, continuou ouvindo os grunhidos, mas, logo pôde diferenciar sílabas, palavras, de repente o som que escutava era sua própria língua.

A criaturinha que Ford inseriu no ouvido de Arthur era um peixe babel. O *Guia do Mochileiro das Galáxias* indica que o peixe babel é provavelmente a criatura mais estranha em todo o universo. Ele se alimenta de energia mental, não daquele que o hospeda, mas, das criaturas ao redor, “absorve todas as frequências mentais inconscientes desta energia mental e se alimenta delas, e depois expele na mente de seu hospedeiro uma matriz telepática formada pela combinação das frequências mentais conscientes com os impulsos nervosos captados dos centros cerebrais responsáveis pela fala do cérebro que os emitiu” (ADAMS, 2004, p51). Na prática, o efeito é bem simples: ao introduzir um peixe babel no ouvido você é capaz de compreender imediatamente tudo aquilo que lhe for dito em qualquer língua.

Os cinco livros que formam a série *O Guia do Mochileiro das Galáxias* têm como fio condutor as aventuras de Arthur viajando por espaços-tempo desconhecidos. Logo no começo desta jornada, Douglas Adams se depara com um problema que podemos chamar de fator

comunicacional. O sistema operacional e os mapas são constituídos por signos e enunciados, uma linguagem que funda a realidade. Cada linguagem possui suas próprias regras, princípios que indicam a maneira como os signos se conectam e os sentidos emergem, dessa maneira, é de acordo com certa gama de especificações que diferentes usos da linguagem podem ser efetuados. Tanto as construções presentes no mapa quanto a comunicação com o outro depende das possibilidades de uso da linguagem em questão. Assim, o fator comunicacional se desdobra em dois sentidos, comunicar-se com os enunciados e signos que formam o mapa e comunicar-se com o outro. Voltemos à cena para esmiuçar estes dois aspectos.

Em primeiro lugar, a comunicação com os enunciados e signos que formam o mapa. Arthur após passar pelo raio de transferência de matéria, acorda em um ambiente completamente desconhecido, olha para os lados e nada reconhece, a arquitetura, as cores, o cheiro, todos diferem daquilo que Arthur cotidianamente experiencia. Meio perdido, Arthur procura algo, não sabe muito bem o quê, não importa muito o que seja, desde que seja minimamente familiar. Arthur procura um signo, um enunciado qualquer que por sua habitualidade funcione como ponto de apoio para criar um território. Viajar significa ter diluído os territórios que constituem o mapa. As linhas que formam o eu se abrem permitindo maior acesso ao plano intensivo, ao retornar o mapa é reconstituído, territórios são construídos, signos estabelecem relações. Neste viés, a comunicação aparece como possibilidade de pôr em relação os signos e enunciados que, ao se combinarem, formam as territorialidades que no mapa geram a experiência de um eu. A comunicação, como fator constitutivo dos mapas dentro do sistema operacional, é de grande importância, pois fazendo uso dos signos que possui forma um território individuado que se distingue dos demais, gerando a experiência de unidade em relação com o mundo. Formando um eu que se diferencia do outro, este primeiro aspecto da comunicação integra os signos e enunciados que ao formar um mapa singular geram a possibilidade de planos de partilha, o que nos leva para outro aspecto do fator comunicacional: a comunicação com o outro.

Como anteriormente colocado, a realidade é formada por percepções coletivamente compartilhadas. Para compartilhar é necessário comunicar-se com o outro, no *Guia do Mochileiro das Galáxias* o peixe babel permite que os idiomas não sejam um problema, entretanto, diferentemente da ficção, tal animal não existe, e, ao tratarmos de comunicação com o outro, não nos restringimos meramente aos signos linguísticos. A comunicação é feita de variados signos, dentro de uma experiência de partilha perceptual surge uma territorialidade

compartilhada na qual determinados signos circulam, vestimentas, gestos, ideias, maneiras de se portar. Dentro do sistema operacional pululam comunidades de sentido onde diferentes mapas compartilham coordenadas que permitem a comunicação. Ainda que estas diferentes comunidades possuam signos e horizontes de sentido próprios, estão inseridas dentro do sistema operacional que funciona como horizonte de sentido último, permitindo a comunicação entre as diferentes coletividades.

Os processos de globalização têm fortalecido o capitalismo como sistema operacional mundial, o desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte e comunicação encurtou as distâncias, tornando praticamente simultânea a comunicação entre distantes pontos do globo. Diferentes países, com diferentes culturas e línguas fazem usos dos signos e horizontes de sentido do sistema. Objetos de desejo e formas de viver são vendidos em territorialidades prontas que se encaixam aos signos de diferentes culturas. A força dos enunciados capitalistas pode cooptar o poder criativo das viagens, inserindo os diferentes aspectos criativos nas lógicas financeiras, uniformizando diferentes planos de partilha em redes comunicacionais imbuídas em manter o funcionamento do sistema.

Como exposto, a viagem precisa de um retorno, entendendo que este retorno é a reconstrução do mapa e a possibilidade de compartilhar com o outro a experiência, o fator comunicacional surge como importante aspecto da viagem, tomado na dinâmica de negociação que permite a partilha de sentidos e a criação de territorialidades.

Tomamos o sistema operacional como superfície de registro que confere sentido às experiências fundadoras de sujeito e mundo. Estes três elementos possuem características e modos de funcionamento próprios, entretanto são mutuamente dependentes. Não existem isolados, a concretude de cada um está diretamente ligada aos mecanismos dos outros. Entendemos a operatória em que sujeito e mundo surgem e ganham sentido dentro do sistema operacional como um agenciamento.

O conceito de agenciamento ganha consistência conceitual no livro *Kafka, para uma literatura menor* (2003), segundo livro escrito em conjunto por Deleuze e Guattari, publicado em 1975, três anos depois do *Anti-Édipo* (2010). Neste último, os autores nos levam para o universo das máquinas, são as máquinas sociais e desejantes que em sua maquinação criam sujeito e mundo, já na obra seguinte o conceito de máquina desejante é substituído pelo agenciamento.

Segundo Deleuze e Guattari (2003), um agenciamento pode ser dividido em dois eixos, um vertical e um horizontal. No eixo horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: conteúdo e expressão. O conteúdo também podemos chamar de agenciamento maquínico de corpos, e a expressão de agenciamento coletivo de enunciação. O eixo vertical comporta ao mesmo tempo lados territoriais que o estabilizam e pontas de desterritorialização que o impelem.

Essa tetravalência nos dá importantes pistas acerca da natureza dos agenciamentos. Em um eixo horizontal um agenciamento comporta dois segmentos. Por um lado, ele é agenciamento maquínico de corpos, por outro lado, ele é agenciamento coletivo de enunciação, das transformações incorpóreas que são atribuídas aos corpos. No funcionamento dos agenciamentos, os enunciados e os estados de coisas atuam como engrenagens. Na enunciação não há sujeito, há sempre agentes coletivos, parciais de subjetividade, e daquilo que o enunciado fala não se encontram objetos, mas estados de coisas. Estas duas faces são complementares, são funções variáveis que continuamente cruzam seus valores e segmentos.

O eixo vertical divide o agenciamento de acordo com os movimentos que o animam, movimentos que fixam ou abrem: territorialização e desterritorialização. Todo agenciamento comporta pontas de desterritorialização, prontas para arrastar em um processo de novas criações, de constituição de novas territorialidades<sup>4</sup>. Os dois movimentos coexistem em um agenciamento, não são simétricos, mas um agenciamento se compõe de ambos, o movimento se passa entre um e outro.

Zourabichvili (2004, p.8), no verbete agenciamento de seu *Vocabulário de Deleuze*, indica que “se está em presença de um agenciamento todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente”. O mapa em sua dimensão concreta é inseparável dos signos que o constituem. Ao ser registrado no sistema operacional faz uso dos regimes de signos vigentes. É a partir do registro que o mapa se apropria da linguagem que permite sua construção e a participação em planos de partilha. Neste sentido, a realidade é indissociável dos agenciamentos que não cessam de produzi-la e cada sujeito é um mapa fruto de uma incontável gama de agenciamentos que constituem o cosmos. Deleuze (1998) coloca o agenciamento como unidade mínima do real, é a partir dos agenciamentos que a realidade se funda, adquire sentido e se modifica.

---

<sup>4</sup> Uma territorialidade é uma singularidade com coordenadas nos eixos espaço-tempo e em um terceiro eixo, o intensivo, ou, das probabilidades. A territorialidade forma um plano onde as intensidades ganham sentido

A realidade é formada pelo conjunto dos agenciamentos que acoplam os aspectos materiais e os regimes de signos correspondentes. O capitalismo como sistema operacional possui regimes de signos que sustentam seu funcionamento e fabricam o mundo que experimentamos como real. Em sua lógica o sistema operacional capitalista agrupa agenciamentos que efetuam processos de subjetivação que constroem mapas com territórios padronizados de acordo com os signos hegemônicos. As viagens, tomadas como processos de criação, podem produzir territorialidades diferentes das impostas pelo sistema, estas podem ser capturadas e acopladas à lógica financeira ou formar territórios que comungam signos que resistem aos enunciados dominantes.

Tomando o agenciamento como unidade mínima de real, saímos do risco de tomar o sujeito como forma originária dentro de um mundo que aparece como exterior: o sujeito é uma parcialidade que só existe agenciada, existe dentro de um agenciamento que o constitui. “Se é verdade que o agenciamento é individuante, fica claro que ele não se enuncia do ponto de vista de um sujeito preexistente que lhe poderia ser atribuído” (ZOURABICHVILI, 2004, p.9). Os agenciamentos constroem os mapas que são registrados no sistema, o movimento do eixo vertical na relação com eixo horizontal torna possível o remanejamento de signos e sentidos, conseqüentemente, a criação de novos territórios que, fazendo uso da linguagem do sistema, podem conceber novas territorialidades e regimes de signos correspondentes. Ambas as faces do agenciamento remetem a uma coletividade, modos coletivos que criam territórios formados por fragmentos de todos os tipos, extraídos de variados meios, que formam mapas<sup>5</sup>.

Para continuarmos, alguns pontos precisam ficar claros. Em primeiro lugar, o estatuto do agenciamento, a ponto de inferirmos que este é a unidade mínima do real. Em segundo lugar, a relação entre agenciamento e sistema operacional, sua independência e sua pressuposição recíproca. Em terceiro lugar, a linguagem como operação criadora de mundo ao conferir sentido às experiências, tanto coletivas como individuais (entendendo que por mais individual que possa parecer, uma experiência sempre passa por uma linguagem coletiva de onde extrai sentidos mesmo que seja para subvertê-los). Na combinação desses três pontos, será possível compreender a viagem como processo de criação que pode se opor às significações hegemônicas. A viagem ocorre no movimento de abertura dos agenciamentos, usando o movimento do eixo

---

<sup>5</sup> É neste sentido que entendemos a tarefa constantemente proposta na obra de Deleuze e Guattari: substituir o verbo “ser” pela conjunção “e” (e...e...e...).

vertical (desterritorialização e reterritorialização) para aumentar o coeficiente de acesso ao plano anterior aos sentidos e formas.

No Platô 4, intitulado *20 de novembro de 1923 - Postulados de linguística* (DELEUZE; GUATTARI, 1995b), para conceituar os aspectos do agenciamento, os autores trabalham dois pontos fundamentais para entendermos a função da linguagem e seu poder de fundação de realidade. Tomando as palavras de ordem e o discurso indireto como características fundamentais da linguagem, articulam os enunciados às mudanças corpóreas.

A noção de palavra de ordem é ampliada, não remetendo meramente a comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados dentro do campo social. De alguma forma, todo enunciado apresenta tal vínculo. Qualquer pergunta ou promessa é uma palavra de ordem, apresenta ligações com determinados signos sociais. Neste sentido, a linguagem é o conjunto das palavras de ordem que percorrem uma língua em uma determinada coordenada espaço-temporal. A linguagem é transmissão de palavras de ordem, não importa se de um enunciado a outro, ou no interior de cada enunciado, já que o enunciado se realiza no ato e o ato se realiza no enunciado.

Tomemos como exemplo o ensino. As instituições de ensino não comunicam informações, mas “impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito da enunciação). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.12). Não se ensina às crianças uma pura língua, a língua é inseparável dos enunciados que a constituem, e estes, são palavras de ordens, discursos que como uma teia ligam-se a diversos signos dos mais variados tipos, econômicos, sociais, morais, sexuais. A maneira como se usa uma língua é um índice de poder, apresentam enunciados dos mais variados tipos e, mesmo que não sejam todo o tempo percebidos, estão presentes.

É difícil precisar com exatidão o estatuto e a extensão da palavra de ordem. É necessário tomar cuidado para não tomar a palavra de ordem como sendo a origem da linguagem, uma vez que a palavra de ordem é uma função de linguagem e, como tal, coextensiva à própria linguagem. Para nós, nesta relação há uma importante característica da linguagem que nos ajuda a entender a constituição do sistema operacional e suas mutações: não é possível fixar um ponto de partida não linguístico, pois a linguagem sempre supõe a linguagem, dito de outro modo, a linguagem sempre remete a linguagem. Deleuze e Guattari (1995b) nomeiam esta característica da linguagem de discurso indireto. Tal característica torna o sistema operacional, tomado como

sistema de linguagem, um sistema ao mesmo tempo aberto e fechado. Fechado, pois é a partir dos sentidos e signos que possui que novas construções e significações podem surgir em diferentes formas e arranjos. Aberto, pois as viagens ocorrem nos processos de abertura dos agenciamentos, saindo das coordenadas do sistema para acessar o plano intensivo prévio a qualquer sentido ou forma.

Para os autores: “todo discurso é indireto, a translação própria à linguagem é a do discurso indireto.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.14). No discurso indireto há uma alteração no tempo verbal para que aquele que fala passe a diante, através de seu próprio discurso, o discurso de um terceiro. O discurso indireto permite que a linguagem vá além da relação entre alguém que viu algo e comunica a um segundo, o que permite que o discurso se propague ao infinito. Neste sentido, a linguagem não é meramente comunicação de signos informativos, mas sim, propagação de palavras funcionando como palavras de ordem.

A partir de Austin (1990) podemos destacar outro aspecto da linguagem que vai além das relações extrínsecas onde o discurso remete a outro discurso ou a uma ação exterior. Existem também relações intrínsecas entre a fala e determinadas ações que se realizam quando estas são ditas, o performativo, e também relações intrínsecas entre a fala e determinadas ações que se realizam quando falamos, o ilocutório. Estes atos interiores à fala e imanentes ao enunciado são chamados de pressupostos implícitos ou não discursivos. As esferas do performativo e do ilocutório apresentam três importantes consequências. Em primeiro lugar, a impossibilidade de conceber a fala como comunicação de uma informação, qualquer ordem, interrogação, afirmação, etc., não é comunicar algo, mas sim, efetuar os próprios atos imanentes e implícitos ao discurso. Em segundo lugar, a pragmática aparece como dimensão da língua que se insinua em todas as outras, fazendo-se presente em todas as zonas semânticas, sintáticas, fonéticas ou mesmo científicas. Em terceiro lugar, deixa de haver distinção entre língua e fala, a fala deixa de ser definida pela utilização individual e extrínseca de uma significação primeira ou aplicação de uma sintaxe prévia. Importante aspecto, o sentido e a sintaxe de uma língua não são definidos independentemente dos atos de fala que os pressupõem, assim, podemos colocar como uma das características das palavras de ordem “a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.17).

Como colocado, o discurso é sempre indireto, mesmo quando o sujeito diz ‘eu’, o discurso é feito de uma polifonia de outros discursos, nem todos podendo ser rastreados. Tomando o discurso indireto, os enunciados e as palavras de ordem não encontram origem fora da linguagem, os enunciados sempre remetem a outros enunciados, as modificações operadas são absorvidas no *continuum* enunciativo. Neste sentido, o discurso indireto torna o sistema operacional um sistema em constante mutação, onde, como veremos mais adiante, os pressupostos implícitos tornam as criações de sentido modificadores instantâneos da realidade. Entretanto, antes de trabalharmos este ponto, precisamos compreender melhor como o sistema operacional atua como codificador, registrando os agenciamentos, atuando como superfície que confere sentido aos agenciamentos coletivos de enunciação. Ainda nos *Postulados da Linguística*, os autores colocam que “não existe significância independente das significações dominantes nem subjetivação independente de uma ordem estabelecida de sujeição. Ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem em um campo social dado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.18). Vemos, neste campo social dado, o sistema operacional como conjunto de enunciados que programam a natureza das significações e das subjetivações. O sistema operacional possui as significações dominantes e os signos hegemônicos que se impõem como modelo, fazendo com que mesmo as menores variações se remetam a ele. O sistema operacional é o campo social que cria os sentidos e atribui significados, cria regimes enunciativos que geram determinadas palavras de ordem que em sua performatividade criam os processos de subjetivação onde o sujeito surge a partir de determinados enunciados que determinam uma perspectiva de mundo.

Toda enunciação é necessariamente social, sempre remetendo aos agenciamentos coletivos, “assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo e impessoal o exige e o determina” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.18). Desta maneira, é a noção de agenciamento coletivo de enunciação que deve dar conta do caráter social. É o agenciamento coletivo de enunciação que opera o registro no sistema operacional, operando como interface entre os pressupostos implícitos da linguagem que imputem modificações instantâneas na realidade e o sistema operacional que, no discurso indireto, absorve os novos enunciados, modificando-se e, dessa forma, criando a superfície que confere sentido à realidade.

Para melhor compreensão da operatória do agenciamento coletivo é necessário nos debruçarmos sobre os atos imanentes à linguagem e sua relação com a dimensão performática das palavras de ordem. “Esses atos se definem pelo conjunto das *transformações incorpóreas* em curso em uma sociedade dada, e que *se atribuem* aos corpos dessa sociedade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.19). Cada sociedade é formada por regimes de signos e enunciados que constituem a dimensão incorpórea possuidora de sentidos, a estes se ligam a matéria física que constitui a dimensão corpórea. O sistema operacional possui os signos e enunciados dominantes que através do performativo fundam a concretude do que experimentamos como realidade. Na relação entre os mapas e o sistema sentidos são criados e compartilhados, formando o plano comunicacional no qual as relações com o mundo e com o outro ocorrem. As viagens acontecem para além do plano comum, a partir da abertura dos agenciamentos, que constituem o mapa e o sistema, entram em contato com o plano intensivo. Contudo, as viagens precisam de retorno, a abertura dos territórios é sucedida por sua reconstituição. Neste movimento, as intensidades experimentadas passam pelo registro no sistema operacional, recebendo signos que constituem sentidos. Estes sentidos são a dimensão incorpórea, e desta maneira, interferem na realidade gerando modificações corpóreas. As viagens não são abstrações. Ao reconstituir os agenciamentos, as intensidades geram criações concretas com os signos correspondentes, logo, é a partir das viagens que as criações são disparadas, sejam elas materiais ou imateriais.

Deleuze e Guattari tomam da filosofia estoica a relação entre corpos e incorporais. Para os estoicos, há independência entre corpos e incorporais, eles distinguem as ações e as paixões dos corpos (fazendo a palavra corpo adquirir grande extensão, recobrando todo conteúdo formado) dos atos incorpóreos (o expresso dos enunciados). Neste viés, “a forma de expressão será constituída pelo encadeamento dos expressos, como a forma de conteúdo pela trama dos corpos” (1995b, p.28). Quando uma faca corta um pedaço de carne ocorre uma mistura de corpos entre o corpo da carne e o corpo da faca, mesmo o pedaço de carne resultante deste encontro é um corpo, entretanto, o enunciado ‘a faca corta a carne’ exprime transformações incorpóreas de natureza completamente diferente.<sup>6</sup> Na relação estoica entre corpos e incorpóreos, as transformações incorpóreas são ditos, e apenas são ditos acerca dos corpos. São o expresso dos enunciados e, ao mesmo tempo, são atribuídos aos corpos. Não se trata aqui de representar ou descrever os corpos, estes possuem suas próprias qualidades. Se podemos distinguir o expresso

---

<sup>6</sup> Seguindo Deleuze no livro *Lógica do sentido*, podemos nomeá-los acontecimentos.

incorpóreo ‘cortar’ da qualidade corpórea não é por representação, expressar o atributo não corpóreo e atribuí-lo ao corpo é de algum modo intervir, é um ato de linguagem performático. A cadeia das transformações instantâneas a todo tempo se insere na trama das modificações contínuas, a transformação incorpórea ao ser expressa é atribuída aos corpos e neles se insere. A independência entre as duas formas é o índice de sua pressuposição recíproca que opera a passagem de uma para outra.

Aqui a palavra “corpo” possui amplo sentido, corpos físicos, corpos morais, corpos institucionais, etc. Tomemos um exemplo: um homem comete um crime, é levado diante do juiz para ser julgado. O juiz pronuncia a sentença, a partir deste momento o homem passa a cumprir a pena estipulada. A sentença do juiz é um ato que de maneira instantânea muda o corpo do criminoso, tornando-o condenado. A sentença do magistrado é um atributo incorpóreo, um ato instantâneo que modifica determinado corpo. As modificações instantâneas podem mesmo modificar os corpos de toda uma nação. Uma declaração de guerra é um ato de linguagem que no momento em que é executado modifica toda a nação, modifica os discursos e os processos governamentais, criando um novo estado de corpos. A declaração de guerra é um ato de linguagem que pode ser pronunciado por determinadas figuras (na maior parte dos casos, chefes de Estado e soberanos) em determinadas circunstâncias. Na terceira convenção de Haia, em 1907, foi definido o protocolo internacional para a declaração de guerra<sup>7</sup>.

Passar no vestibular, tornar-se aposentado, ou mesmo os rituais de passagem que marcam a entrada na vida adulta ou o pertencimento a determinadas instituições sociais são transformações incorpóreas que se atribuem a um corpo, modificando o mapa operando mudanças concretas. Os enunciados são transformações incorpóreas que atuam de maneira imediata, há uma simultaneidade entre o enunciado que a exprime e o efeito que ela produz:

As palavras de ordem ou os agenciamentos de enunciação em uma sociedade dada – em suma, o ilocutório – designam essa relação instantânea dos enunciados com as transformações incorpóreas ou atributos não corpóreos que eles expressam (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.20).

Os agenciamentos não cessam de variar, de operar transformações incorpóreas que instalam novos estados de corpos que por sua vez mudam os enunciados, neste contínuo

---

<sup>7</sup> É necessário levar em consideração as diversas nuances do termo guerra, podendo se estender desde conflitos nacionais e internacionais até a possuir sentidos específicos como ‘guerra às drogas’ e ‘guerra ao terror’.

movimento, o sistema operacional mostra uma de suas principais características: seu constante potencial<sup>8</sup> de mutação. O sistema operacional está em constante assimilação, absorvendo os enunciados dos agenciamentos, conferindo sentido a estes ao mesmo tempo em que por estes é modificado. É necessário entender que todo ato de transformação incorporal é instantâneo, sendo assim, as pequenas mudanças que a todo tempo ocorrem operam-se imediatamente, da mesma forma, as grandes mudanças não são contínuos de passagem, são imposições abruptas. As alterações nos mapas e no sistema se concretizam simultaneamente nas dimensões corporais e incorporais. Vemos aí a importância outorgada por Deleuze e Guattari as datas históricas<sup>9</sup>: 5 de maio de 1789, início da revolução francesa, marco de grandes mudanças políticas e sociais; 15 de novembro de 1889, proclamação da República Brasileira, pondo fim ao regime imperial; 28 de junho de 1914, início da primeira Guerra Mundial, conflito sem precedentes na história contemporânea. Muitos outros eventos poderiam ser enumerados, todos eles com algo em comum: desterritorializam a realidade, ao mesmo tempo em que criam uma nova territorialidade, criam novos regimes de signos, novos enunciados que conferem outros sentidos às experiências. Neste sentido, as datas são acontecimentos históricos, divisores que criam novos enunciados e estados de corpo.

Os agenciamentos variam constantemente, sofrendo e operando transformações, neste ponto, é necessário levar em consideração as circunstâncias onde tais agenciamentos acontecem e como as mudanças operam. Um enunciado performativo não existe fora das circunstâncias que o tornam o que é. A frase “vos declaro marido e mulher” é um ato performativo quando em uma cerimônia é pronunciado por um padre ou juiz que possuem poderes conferidos por suas respectivas instituições. O ato performático e o agenciamento de enunciação são inseparáveis das circunstâncias em que ocorrem, inseparáveis dos enunciados e signos a eles imbuídos e do lugar que o sistema lhes confere, a mesma frase pronunciada da mesma forma irá possuir sentidos plenamente distintos dependendo do lugar onde for pronunciada. Podemos mesmo dizer que o poder de um enunciado está diretamente ligado às circunstâncias de seu ato. Os agenciamentos coletivos de enunciação são tão políticos quanto linguísticos, operando transformações instantâneas na realidade.

---

<sup>8</sup> Tomamos potência em um sentido espinosista, onde toda potência só é potência em ato.

<sup>9</sup> Cada platô do livro *Mil Platôs* tem como parte do título uma data.

Lenin, em meados de julho de 1917, escreve o texto *A propósito das palavras de ordem*, no qual coloca que a palavra de ordem “passagem de todo o poder do Estado para os Sovietes” era justa durante o período da revolução, entre 27 de fevereiro de 1917 e 4 de julho de 1917, entretanto, indica que esta palavra de ordem deixou de ser justa, “cada palavra de ordem particular deve derivar do conjunto de peculiaridades de uma determinada situação política. E hoje, depois de 4 de Julho, a situação política na Rússia distingue-se radicalmente da situação de 27 de Fevereiro a 4 de Julho” (LENIN,1977, p.10). Mesmo tomando palavra de ordem em um sentido mais amplo, invariavelmente relacionado com os atos performáticos, observamos no texto de Lenin importantes indicações. A palavra de ordem possui sentidos específicos dentro de determinadas circunstâncias, uma vez modificadas estas circunstâncias (modificações que não ocorreriam sem a palavra de ordem) a palavra de ordem tem seu sentido modificado, no caso colocado por Lenin, deixou de ser justa e tornou-se injusta.

As viagens através do performativo constroem territórios e sentidos que alteram os mapas e o sistema operacional. A relação entre as palavras de ordem, as transformações incorpóreas e os agenciamentos de enunciação, possuem especificidades em cada momento. O modo como essas variáveis se relacionam de determinado modo em determinadas circunstâncias fazem os agenciamentos se reunirem em um regime de signos. Entretanto, uma mesma sociedade é perpassada por diversos regimes de signos que formam seus horizontes de sentido, e mesmo possui regimes mistos. As variações nos regimes de signos ocorrem de tal maneira que “o agenciamento coletivo de enunciação não tem outros enunciados a não ser aqueles de um discurso sempre indireto” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.24). Não há um ponto não linguístico que pode ser tomado como origem ou causa do sistema operacional, o caráter de discurso indireto faz com que as modificações sejam sempre de linguagem e na linguagem. A título de exemplo sumário podemos usar a brincadeira ‘telefone sem fio’, nesta, uma frase qualquer é segredada, aquele que a ouviu passa adiante da forma como ouviu, e assim por diante. No fim, esta é a graça da brincadeira, aparecerá uma frase nova, cujas modificações foram acrescentadas ao longo da passagem. A linguagem é ela mesma discurso indireto, de tal maneira que não é o discurso indireto que supõe o discurso direto, mas, o discurso direto é extraído do indireto dependendo das operações de significância e dos processos de subjetivação. O sujeito, o mapa, é extraído dos enunciados, surgindo no agenciamento a partir dos sentidos que lhe são atribuídos pelo sistema operacional.

O eu, como agente do discurso direto, é uma potência singular de enunciação, é um fragmento destacado da confluência de infinitos outros discursos: “é o processo de subjetivação e o movimento de significância que remetem aos regimes de signos ou agenciamentos coletivos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.27). Os signos não se confundem com a linguagem mas, são definidos por regimes de enunciados que são usos reais ou funções da linguagem<sup>10</sup>. Os regimes de signos são parte do momento histórico em que estão inseridos, de tal maneira que quando um enunciado é produzido “só o é em função de uma comunidade nacional, política e social” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.141). Ou seja, os diversos regimes de signos de uma sociedade compõem os horizontes de sentido que constituem o sistema operacional que cria os processos de significação. Os regimes de signos dependem dos agenciamentos que os efetuam e do sistema operacional que os registra, em diferentes momentos e lugares, diferentes regimes de signos operam e se misturam fazendo com que qualquer transformação social seja acompanhada de novos regimes de signos e novos enunciados. Desta forma, as viagens ganham sentido de acordo com os agenciamentos e o sistema operacional onde são registradas, conferindo a elas determinados usos e sentidos.

Assim, é importante tomarmos cuidado para não conferirmos ao agenciamento coletivo de enunciação primado em relação ao agenciamento maquínico de corpos, “os *agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22). Não há primado do enunciado, pois este só existe nos estados de corpo onde se expressa<sup>11</sup>, o primado é da relação que estabelece a maneira como os agenciamentos se dão sobre o sistema operacional que os registra. Neste sentido, “não existe enunciado individual, mas agenciamentos maquínicos produtores de enunciados” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.64). Todo enunciado já é o produto de um agenciamento maquínico. As duas faces do eixo horizontal formam um ciclo onde os termos são mutuamente interdependentes, onde o primado não se encontra em um dos termos, mas na própria relação como condição do agenciamento. Os corpos expressam os enunciados ao mesmo tempo em que são condição para a produção de novos enunciados.

---

<sup>10</sup> Para Deleuze e Guattari, um regime de signos é um conjunto de enunciados que surgem no campo social considerado estrato (1997 b).

<sup>11</sup> Usando a linguagem da informática, podemos dizer que hardware e software não funcionam isoladamente, encontram sua realidade no agenciamento que os conecta.

Dada esta operação, é preciso cuidado para não cair no idealismo, atribuindo uma origem transcendente à palavra de ordem. É necessário determinar pontos de intervenção, de inserção, para tal, é necessário levarmos em consideração outro eixo dos agenciamentos. A instantaneidade interventiva das palavras de ordem é inseparável dos movimentos de desterritorialização onde se inserem. Estes movimentos são de suma importância para entender a potência criativa das viagens, pois, é entre o movimento de desterritorialização e o de reterritorialização que os agenciamentos se abrem permitindo o acesso ao plano intensivo que anima as novas criações. Não é descobrindo ou representando que um enunciado se relaciona com um estado de corpos, é através da conjugação de suas desterritorializações relativas que operam a intervenção de um no outro, criando interferência e a possibilidade de novas territorialidades.

Em qualquer agenciamento existe um eixo dos movimentos que o animam, por um lado graus de desterritorialização que arrebatam e, por outro, operações de territorialização que estabilizam. As pontas de desterritorialização são de grande importância, pois são elas que operam a abertura de sentido para a criação. As novas territorialidades são ao mesmo tempo desterritorializações, passagens operadas pelas mudanças de enunciado e novos estados de corpo. Entretanto, “códigos e territorialidades, descodificações e desterritorializações não se correspondem termo a termo: ao contrário, um código pode ser de desterritorialização, uma reterritorialização pode ser de descodificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.90). Há uma margem de descodificação inerente ao código, da mesma forma que pontas de desterritorialização no território, é no cruzamento das quatro valências que se constitui um agenciamento, cada uma com suas próprias características, conferindo a cada agenciamento registrado sua singularidade.

Antes de continuarmos, propomos um pequeno balanço: o agenciamento já é uma multiplicidade que comporta em si diversas linhas. Em um eixo horizontal, um agenciamento possui duas faces, sendo uma delas o agenciamento maquínico de corpos, no qual se expressam as mudanças incorpóreas e onde a realidade expressa seu devir. Já a outra face horizontal é o agenciamento coletivo de enunciação, no qual ocorrem as transformações incorporais e onde através dos enunciados e do discurso indireto o agenciamento ganha sentido ao ser registrado (e modificar) no sistema operacional. No outro eixo, o agenciamento possui dois movimentos que o animam, as pontas desterritorializadas que operam aberturas de sentido e as territorialidades que

criam estabilidades sempre provisórias. Os mapas são formados por diferentes agenciamentos que constituem territórios e linhas que ganham sentidos de acordo com o registro no sistema operacional. A composição do mapa é metaestável, formada por territórios mais ou menos provisórios de acordo com os agenciamentos que os constituem. O movimento do eixo vertical permite ao mapa diluir suas formações, dessa maneira, acessando o plano de onde derivam as intensidades que animam a realidade. Tais intensidades não possuem forma ou sentido, são potências plásticas que, durante a reconstituição dos territórios, passarão pelo registro no sistema formando sentidos. As viagens podem disparar processos de criação que fabricam territórios estranhos aos correntes dentro do sistema, estes podem estar dentro da lógica dominante, gerados de acordo com os fundamentos do mercado. Por outro lado, podem fabricar territorialidades que fazem usos não convencionais dos regimes de signos, formando focos de criação que se opõem aos grandes enunciados dominantes. Estes novos territórios podem ser capturados, acoplados a territórios pré-fabricados com os sentidos do sistema, passando a fazer parte do funcionamento que sustenta o capitalismo. De outra maneira, podem emergir como focos de resistência, fazendo usos de signos e enunciados que se opõem às formas pré-estabelecidas que conservam o sistema operacional.

Tomando esta operatória como movimento constitutivo do real, podemos trabalhar com uma gradação dos agenciamentos. Em um nível molar estão os grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, estes agenciamentos se caracterizam por sua forma relativamente estável e por funcionar reproduzindo seus códigos. Estes agenciamentos tendem a colocar sujeito e mundo em formas pré-estabelecidas, moldadas de acordo com determinados interesses e feitas de maneira que uma vez enquadrado dentro das formas o sujeito torne-se reprodutor dos enunciados. Todavia, a maneira como o sujeito aparece e investe nestes agenciamentos depende de outros agenciamentos, que por sua forma de funcionamento chamamos de molecular. Os agenciamentos moleculares imputam irregularidades nos códigos molares, nas formas pré-estabelecidas os agenciamentos moleculares fazem fugir linhas, operam descodificações. A forma como estes dois níveis se agenciam cria um mapa que se expressa em uma singularidade.

Um nível molar, dos estratos e grandes seguimentos sociais com seus códigos pré-formatados. O molar, se expressa por segmentariedade, é composto de grandes segmentos bem delimitados, (estados, instituições, classes), em que é possível determinar onde começam e

terminam e como com outros se comunicam. Este nível opera por binarismos e dicotomias, *tertium non datur*, lei do terceiro excluído: rico-pobre, homem-mulher, adulto-criança. Aqui estão os grandes cortes sociais que criam a identidade como segmento molar de um sujeito dentro de uma determinada sociedade. Neste nível que o sistema operacional cria corpos através de seus enunciados. Os enunciados e discursos dominantes aparecem como significações naturais, com seus enunciados criando corpos que visam à perpetuação do sistema. Neste sentido, o capitalismo foi mais longe do que qualquer outro sistema operacional, pois seu grande poder está em sua capacidade de sobrecodificação, capacidade de apropriar-se dos discursos desviantes e sobrecodificá-los dentro das coordenadas do sistema. Os enunciados e os símbolos subversivos são apropriados, reterritorializados em discursos e territorialidades pré-formatadas onde viram mercadoria, vemos como o rosto de Che Guevara virou estampa de grifes caras ou como a direita faz uso dos enunciados da esquerda.

Em segundo lugar um nível molecular dos agenciamentos, onde os agenciamentos operam fugas e descodificações nos grandes sistemas de signos sociais. Neste nível, perpassando a segmentariedade molar, encontramos linhas moleculares, segmentos flexíveis que não mais se expressam por segmentos com claras delimitações, mas operam através de fluxos maleáveis, uma escala de intensidades e não de formas, onde os segmentos são *quanta* de desterritorialização, “velocidades que ultrapassam os limiares ordinários da percepção” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.68). Nos grandes cortes sociais existem microfissuras que os comunicam e geram passagens que são intercâmbios intensivos.

Precisamos evitar o erro de tomar o molar como social e o molecular como pessoal ou íntimo. Ambos colocam em jogo o social, contudo, expressando-o em diferentes registros. Em ambos estão presentes as identidades e as instituições, entretanto, no registro molar estas se expressam na forma de segmentos delimitados, onde é possível encontrar as marcações e delimitações. Por outro lado, o registro molecular comporta as linhas intensivas, aquilo que escapa ao molar, os pequenos e os grandes fluxos que insistem em operar descodificações, tomam os registros e enunciados hegemônicos e neles operam mudanças: “molar e molecular não se distinguem somente pelo tamanho, escala ou dimensão, mas pela natureza do sistema de referência considerado” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.95).

Os dois níveis de agenciamento se articulam das mais variadas formas, criando traçados e territorialidades que formam um mapa. O mapa é uma territorialidade que contém diversas

territorialidades, articulando os agenciamentos molares e moleculares forma um ponto de fundação da realidade criando sujeito e mundo.

As construções molares e as operações moleculares se encontram no mapa como ponto de articulação dos enunciados sobre o sistema operacional. Ressaltamos que nenhum dos níveis existe de maneira isolada, distinguem-se, mas não se separam. Como mostraremos em outro momento, o mapa forma a territorialidade mínima que se mantêm nos processos de desterritorialização e de descodificação permitindo a reconstrução dos territórios e a criação de sentidos para as viagens. Estes processos imputam modificações no próprio mapa.

É através do mapa que os múltiplos agenciamentos se articulam e se registram no sistema operacional, criando a experiência perceptual compartilhada ao mesmo tempo que produz um mapa singular.

Como colocado anteriormente, o mapa é uma singularidade relativa. Tomamos o conceito de singularidade da física quântica, com isso queremos indicar que o mapa não é apenas uma territorialidade espacial, é também temporal. Uma singularidade expressa o momento onde infinitas probabilidades são possíveis, mas, apenas uma se concretiza. Através da dimensão performática da linguagem, a singularidade do mapa é a possibilidade dos agenciamentos operarem processos de criação, intervindo na concretude da realidade. Seguindo o físico Richard Feynman, a cada instante múltiplas traçados e trajetórias são possíveis, entretanto apenas um se concretiza. O mapa como uma singularidade é ao mesmo tempo a intrincada rede dos agenciamentos que formam uma territorialidade e o momento no qual as linhas se recriam.

O mapa não pertence a um sujeito, é um ponto onde múltiplas probabilidades podem se atualizar na singularidade que cria o sujeito que através do mapa e dos sentidos do sistema operacional experiencia o mundo. Tomando o eixo horizontal dos agenciamentos, o mapa é um ponto de rebatimento e, nele, uma parcela do discurso indireto devem autônoma sobre um corpo que percebe a realidade de acordo com a confluência dos níveis moleculares e molares em seu registro no sistema operacional. O mapa é uma territorialidade metaestável que toma determinados pontos em uma singularidade que se expressa em uma subjetividade, criando uma zona de corpo e sentidos específicos.

A maneira como os agenciamentos, molares e moleculares, se articulam criam um mapa. O mapa, a partir do sistema operacional, se insere em uma experiência perceptual coletivamente compartilhada. Nesta dinâmica, a viagem acontece nas pontas de desterritorialização,

possibilitando a recriação do mapa e novas experiências de sentido. Entretanto, anterior ao mapa, aos agenciamentos e o sistema operacional, existe outra instância, uma Singularidade absoluta de onde emanam as intensidades que constituem os sentidos e territórios que formam a realidade. Esta instância é um plano anterior à experiência de criação de sentido, é formada por intensidades informes que funcionam como combustível para os agenciamentos que constroem o real. A seguir daremos relevância a esta instância e a sua relação com as viagens.

## **1.2 - A Onisciência, os processos de tornar-se outro**

Naquela altura da vida nada mais parecia a Arthur fora do normal, chegava mesmo a pensar se haveria algo que pudesse chamar de normal para dizer que havia algo fora do normal. Havia viajado por todos os cantos das galáxias, visto lugares inacreditáveis habitados por seres mais inacreditáveis ainda.

Era apenas o começo da tarde e Arthur já havia viajado alguns milhões de anos no tempo, pegando carona em um sofá que pulava entre fissuras na dobra do espaço-tempo e presenciado o ataque de uma estranha raça de robôs que pretendiam destruir o universo. Slartibartfast, um antigo conhecido, apareceu em uma nave pedindo ajuda para uma importante tarefa.

Para nós, mais importante do que a tarefa é a nave em questão e as consequências de sua decolagem. A nave era fruto das últimas pesquisas em viagens interplanetárias, cada detalhe havia sido milimetricamente planejado, cada contorno aerodinâmico, cada detalhe do interior, o motor e seu sistema de navegação. Assim que entraram a nave decolou, e:

“Pareceu a Arthur que todo o céu subitamente se afastara para lhe dar passagem. Pareceu-lhe que os átomos de seu cérebro e os átomos do cosmos estavam fluindo uns através dos outros.

Pareceu-lhe que estava sendo soprado pelo vento do Universo e que o vento era ele.

Pareceu-lhe que era um dos pensamentos do Universo e que o Universo era um de seus pensamentos.” (ADAMS, 2009b, p45)

O sistema operacional funciona como limite, ainda que móvel, delimitando o campo perceptual e as criações de sentido. Através dos enunciados do sistema operacional as linhas do

mapa formam territorialidades que permitem experiências perceptuais compartilhadas. Indicamos que a viagem é o momento onde ocorre uma abertura perceptual, dissolvendo em maior ou menor grau as territorialidades. Esta dissolução permite o contato com um outro plano, onde os enunciados do sistema operacional perdem força, onde os agenciamentos que formam a experiência de sujeito e de mundo se desfazem.

A viagem ocorre no entre, é o momento entre a desterritorialização e a constituição de novos territórios. Os agenciamentos se desfazem e se remontam, nesse movimento há um momento de passagem entre a dissolução e a nova construção, um momento que não versa pelos parâmetros dos enunciados dos horizontes de sentido. Quando a nave decola Arthur experiencia a dissolução de seu corpo, sente os átomos de seu cérebro se fundirem com os átomos do cosmos, Arthur deixa de ser um si à medida que se percebe como parte da totalidade que forma o cosmos. Deixa de haver relação entre sujeito e objeto, Arthur ao mesmo tempo é um dos pensamentos do Universo e o Universo é um de seus pensamentos. Durante a viagem as coordenadas que formam a experiência cotidiana perdem força, os enunciados e signos que constroem a realidade sedem lugar às forças intensivas previas a qualquer forma e sentido.

O mundo, conforme aparece na experiência rotineira, é formado pela combinação de acontecimentos que formam relações aparentemente ordenadas. Chamamos de aparente a ordem, pois as conexões entre diferentes acontecimentos, territórios e sentidos, são articulações artificiais estabelecidas de acordo com as coordenadas de registro do sistema. Previamente ao registro não há sentido, as especificações do sistema na relação com a singularidade do mapa estabelecem encadeamentos que, dentro da coerência do sistema aparecem como naturais. Ao viajar é possível experimentar a plasticidade das intensidades sem que estas estejam ligadas a algum sentido ou signo, a viagem versa por parâmetros que excedem o sistema, pertencentes ao plano que ontologicamente anima e constitui a realidade em suas diferentes variações.

Para melhor compreender tal plano procuramos pistas com Deleuze e Guattari. Como já indicamos, para estes autores, “os agenciamentos podem agrupar-se em conjuntos muito vastos que constituem ‘culturas’, ou até ‘idades’” (1997b, p.94). Estes agrupamentos e seus horizontes de sentido constituem o sistema operacional. Assim, podemos colocar que, sujeito e mundo são parciais de agenciamentos dentro do mapa que se registra sobre o sistema que confere sentido às experiências. Entretanto, estes termos são derivações provisórias, territorialidades dentro de um plano anterior a qualquer sentido ou significado, plano expresso por puras intensidades.

Com Deleuze e Guattari (2010b), denominamos este plano de puras intensidades de plano de imanência. O plano de imanência não é movimento ou velocidade, ele envolve movimentos e velocidades infinitas. É um meio fluido que permite a junção de diferentes velocidades e vetores, que se agenciam em concentrações singulares que adquirem sentido. O plano não possui superfície ou volume, é “o absoluto ilimitado” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p.46).

O plano de imanência é uma Singularidade Absoluta, suas intensidades informes são a energia que alimenta todos os processos de criação. A plasticidade das intensidades permite que as experiências com o plano criem diferentes sentidos ao serem registradas no sistema operacional. O plano de imanência é o horizonte dos acontecimentos, mas não um horizonte relativo que tem função de limite e muda de acordo com o observador que o emprega a estados de coisas observáveis, e sim um horizonte absoluto, independentemente de qualquer observador.

No infinito do plano de imanência, o sistema operacional e os agenciamentos criam zonas habitadas de sentido que conferem as intensidades sentidos e formas. Estas, fazendo uso dos signos do sistema permitem que a experiência intensiva seja comunicada a outros que partilhem os mesmos signos. O mundo como conhecemos, com suas configurações e suas codificações específicas, é a efetivação (poderíamos também colocar, atualização) de determinados acontecimentos. Enquanto o plano de imanência é um horizonte absoluto, o sistema operacional cria horizontes relativos que se deslocam de acordo com o movimento dos agenciamentos<sup>12</sup>. O plano tem intensidades sem sentido ou forma, adquirindo sentidos de acordo com os agenciamentos e o registro no sistema operacional.

É de suma importância entender a operatória de constituição da realidade e sua relação com o plano de imanência. Assim, tomamos o agenciamento, entendido como unidade mínima do real, sendo segundo em relação ao plano de forças intensivas. Tomamos o plano de imanência como plano ontológico prévio a qualquer criação de sentido, são suas intensidades que animam a realidade, constituindo o combustível que sustenta os movimentos de territorialização e desterritorialização que formam a unidade mínima do real. Para nós, o importante é mostrar que há uma instância radicalmente primeira ao sujeito e ao mundo, em relação à qual estes devem ser sempre pensados, exatamente para que não se confira ao sujeito, ou à relação sujeito-objeto, caráter originário ou mesmo absoluto.

---

<sup>12</sup> Aqui podemos relacionar com a Teoria das Múltiplas Histórias do físico Richard Feynman. Para este, o universo é formado por uma infinita variedade de histórias distintas e simultâneas.

Percorremos o mundo cotidiano com a certeza de seu funcionamento, ainda que inconscientemente, acreditamos no funcionamento das instituições sociais e acordos coletivos. Tal aspecto é importante para o desenrolar da vida, a partilha de sentidos torna-se atributo próprio da realidade. Entretanto, como possuidor de cadeias de sentido o real não possui a energia que o anima, depende da ligação com o plano de imanência como fonte inesgotável de potências intensivas. Podemos usar como analogia um computador, este possui um hardware e software. O primeiro é a materialidade física, os aspectos concretos formados pelos componentes que constituem um corpo. O segundo, é formado pelos encadeamentos lógicos e sequências de execução que integram a linguagem do sistema. Hardware e software não funcionam isolados, são mutuamente dependentes, é no agenciamento entre suas partes que encontram a existência de seu funcionamento. Entretanto, ainda que agenciados dependem de uma fonte de energia que os alimenta, um computador apenas funciona conectado a uma fonte energética.

Fazendo uso da analogia, podemos inferir que no eixo horizontal a pressuposição recíproca entre agenciamento maquínico de corpos e coletivo de enunciação depende do eixo vertical, que, no movimento de desterritorialização e territorialização, acessa o plano intensivo cujas intensidades animam os movimentos. Neste sentido, o eixo vertical dos agenciamentos permite, em maior ou menor grau, o acesso ao plano de energia que faz funcionar a realidade. Neste sentido, Huxley (2010) indica que há uma hierarquia do real, o múltiplo de nossa experiência cotidiana possui uma realidade relativa, construções de sentido que são recortes dentro de um plano intensivo infinito. Por sua incomensurável alteridade não nos é possível descrever completamente o plano, entretanto, existem experiências que nos permitem apreendê-lo diretamente.

Tomando os movimentos do eixo vertical dos agenciamentos como acesso ao plano que constituiu a realidade, as construções territoriais são estabilidades provisórias, o mapa se constitui como metaestabilidade em constante modificação, ainda que parte destas passem despercebidas.

Sujeito e mundo são construções transcendentais, a construção do mapa é inseparável das condições de possibilidade do contexto no qual emerge. Podemos tomar a criação de sujeito e mundo como transcendental no sentido que Deleuze confere ao termo. O transcendental assume uma perspectiva ontológica em Deleuze, este filósofo define o campo transcendental como “pura corrente de consciência a-subjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da

consciência sem um eu [moi]” (DELEUZE, 1995, p.1). Neste, o que está em jogo são as passagens, os devires. O plano de imanência é o meio indivisível de onde pedaços intensivos são destacados e passam a ter sentidos provisórios, sem que isto rompa sua integridade. Dessa forma, em relação ao plano de imanência tomado como Singularidade Absoluta, as demais singularidades sempre serão relativas, dependendo dos horizontes de sentido criados pelas coordenadas do sistema operacional e dos agenciamentos. É do plano que derivam as intensidades experienciadas, na ausência de um sistema operacional e agenciamentos haveria apenas o plano de intensidade absoluta.

Arthur narra a experiência de contato com a Singularidade Absoluta. Os agenciamentos que formam as coordenadas de seu mapa se abrem permitindo a apreensão da realidade em sua dimensão constitutiva, ao ponto de, na impessoalidade da viagem, se experienciar como parte do Universo e o Universo como parte de si. Continuando com Deleuze, podemos colocar que no momento da viagem a consciência subjetiva perde seu primado para intensidades prévias que atravessam o plano em infinita velocidade, uma corrente múltipla e heterogênea em constante devir, como pulsação de quantidades apenas virtuais. Para Deleuze, toda consciência já subjetivada e referida a objetos é um foco de atualização da corrente de uma consciência pré-reflexiva sem objeto nem sujeito. Ela é um ponto de fixação local, em uma singularidade relativa negociando com os horizontes de sentido onde a força em movimento infinito e difuso se revela, se exprime “ao se refletir sobre um sujeito que a remete a objetos” (DELEUZE, 1995, p.2).

Dessa maneira, podemos entender que sujeito e mundo são criações provisórias derivadas de um plano de imanência. O sujeito transcendentaliza em uma territorialidade que cria o contorno que o separa, um mapa. A partir da performatividade da linguagem usando os signos e enunciados do sistema para criar territórios concretos que permitem a partilha de sentidos. O sujeito, entretanto, é tomado como forma *a priori* e condição dos processos criativos. Todavia, entendemos a gênese da criação, incluído a criação de si, como diretamente ligada à possibilidade de acessar o plano intensivo. A criação está diretamente ligada à abertura das portas da percepção, experiência com as intensidades para além de sentidos estabelecidos, intensidades que não pertencem a algo ou alguém, mas são partes impessoais do cosmos.

Já estamos e sempre estaremos no plano. A energia que alimenta a realidade deriva do plano de imanência, a realidade como construção dos agenciamentos é inseparável das intensidades que disparam os processos de constituição de territórios. A questão que se coloca é:

como aumentar o acesso, tendo em vista o sistema operacional como superfície de registro que confere sentido às intensidades? Em maior ou menor grau acessamos o plano de imanência através da abertura das portas da percepção. Percepção aqui não se restringe ao mero sentido biológico, o sistema operacional cria percepções coletivamente compartilhadas, de certa maneira, estas percepções condicionam a maneira como o mapa emerge em uma experiência de sentido. O maior valor a determinados aspectos perceptuais em detrimento a outros, a criação de um corpo com maneiras específicas de se portar e de se relacionar, são exemplificações desta percepção compartilhada. Abrir as portas da percepção significa expandir estas percepções previamente determinadas, diluir o eu para adentrar em uma experiência intensiva que não mais pertence a um eu, ou mesmo a um humano, ou mesmo ao nosso planeta, impessoalizar-se no absoluto intensivo da Singularidade cósmica.

Todavia, devemos evitar o puro elogio das intensidades em detrimento dos sentidos e formas. Como colocado anteriormente, as territorializações são tão importantes quanto as desterritorializações. Por outro lado, a viagem, abertura das portas da percepção é condição para impessoalidade que maneja as intensidades e opera criações que desviam daquilo que é imposto pelo sistema operacional. Após a viagem é necessário o retorno, a construção de territórios que partilhem signos perceptuais que permitam a comunicação daquilo que foi experienciado.

Após o momento da decolagem Arthur se recompõe, sentado no assento de voo olha para os lados procurando sentidos para o ocorrido, pensando no que acabou de acontecer fica na dúvida se havia ficado enjoado ou religioso. Arthur procurava sentidos, enunciados que tornassem comunicável o que havia ocorrido, mas, nenhuma palavra, nenhuma frase, nenhum signo dava conta daquilo que havia passado. Acessar o plano significa assimilar intensidades sem sentido. Frente ao desconforto do encontro com o desconhecido, Arthur procurava em seu repertório signos que gerando sentido para experiência permitissem sua comunicação. Abrir-se para experiência intensiva não é fácil, a apreensão direta da Singularidade Absoluta pode ser avassaladora. Neste sentido Deleuze coloca que o escritor possui uma frágil saúde, devido ao fato de ter “visto e ouvido coisas demasiadamente grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossível” (DELEUZE, 2011, p.14). A viagem está do lado do informe, neste sentido, o artista é um viajante que com seus enunciados produz relatos compartilháveis daquilo que experienciou. O artista mergulha no plano de imanência para, de lá, retornar com o material de sua criação.

O sistema operacional possui os signos e enunciados vigentes. É de acordo com as possibilidades de combinação negociadas com os horizontes de sentido que novos arranjos de sentido surgem. A arte muitas vezes faz uso dos elementos do sistema para criar obras e perceptos que ultrapassam as significações correntes. Por exemplo, todo livro faz uso de um idioma específico, um escritor que escreva em português faz uso das regras sintáticas e gramaticais dessa língua. Em última instância, todo livro é formado pela combinação das vinte e seis letras que formam o alfabeto, estas em ordens específicas formam palavras que encadeadas de acordo com as regras semânticas constituem frases. Entretanto, ainda que dentro de determinadas regras, a literatura cria uma linguagem própria que leva ao limite as possibilidades linguísticas correntes. Sobre o processo de escrita Clarice Lispector declara em uma entrevista de 1977 que “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”. A autora faz uso de sua língua para tentar reproduzir algo que considera irreproduzível, procura criar sentidos para uma experiência que sem a construção artística seria um sentimento sufocador. Clarice está falando da relação com o plano de imanência, a experimentação de intensidades que por sua força são sufocantes, uma viagem por coordenadas não ordinárias, e por isso, irreproduzíveis até o momento em que a escritora cria sentidos. Fazendo uso de elementos e signos do sistema, os livros de Clarice criam uma linguagem própria, sentidos literários que constituem planos de partilha que permitem ao leitor acessar o plano intensivo que constitui a matéria que forma a literatura.

Tão importante quanto a abertura é o fechamento, mergulhar no campo, tomar intensidades, mas, criar novos territórios que permitem o compartilhamento. As viagens podem ser desconcertantes, ir além do sistema operacional não é fácil, por isso, “do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados” (DELEUZE, 2011, p.14). O sistema operacional gera o conforto da estabilidade, cria uma determinada forma de mundo e processos de subjetivação que são tomados como causas naturais e verdades universais. A abertura das portas da percepção permite a experiência daquilo que é prévio, ainda por constituir-se como forma e sentido, e por isso, possui múltiplos sentidos possíveis. No livro *O que é a filosofia?* (2010b) Deleuze e Guattari analisam a criação na filosofia, nas artes e na ciência. Explicitando a relação entre a criação e o plano de imanência, colocam que “quando salta o pensamento de Tales, é como água que o pensamento retorna. Quando o pensamento de

Heráclito se faz *polémos*, é o fogo que retorna sobre ele” (DELEUZE; GUATTARI, 2010(b), p.48). Tales e Heráclito saltaram para o plano, abriram as portas da percepção e encontram coordenadas intensivas e velocidades, quando retornaram, fechando as portas da percepção, tomaram a matéria experienciada como disparadora da criação de sentidos. Ao saltar para o plano, os filósofos tatearam potencialidades disformes prévias a qualquer significação, ao entrar em contato se apropriaram da matéria prima que permite novas construções. As teorias que criaram geram contorno para a experiência intensiva, fazendo uso dos signos do sistema permite a criação de um território comunicacional onde o experienciado pode ser comunicado. A partir daquilo que experienciaram criaram conceitos e elaborações filosóficas, mas, como sabemos, criaram coisas diferentes. Mesmo estando no mesmo sistema operacional, e, de certa forma, preocupados com questões parecidas, a singularidade relativa de cada um proporciona diferentes agenciamentos que criam diferentes sentidos para a viagem.

Tomamos o plano como possibilidade de criação. É manejando as intensidades do plano de imanência que novos territórios podem emergir. Tomando a linguagem em sua performatividade, não apenas as artes e construções teóricas fazem uso do plano, as dimensões concretas da realidade estão acopladas a regimes de signos. É na conjunção entre os dois eixos dos agenciamentos que diferentes territórios fundam os diferentes aspectos da existência.

Como condição de possibilidade da criação, é do acesso ao plano que os processos de invenção, em suas diferentes formas, encontram o combustível que os anima. O capitalismo, como sistema operacional, não está fora desta dinâmica. Os processos gênicos, sejam as elaborações de novos produtos para o mercado, novas tecnologias, ou novos processos de subjetivação e constituição de territórios, dependem do acesso ao plano. Entretanto, a aparente liberdade do sistema incentiva a busca pelo novo ao mesmo tempo em que se apropria de uma potência de ilimitação numa configuração específica que sustenta os parâmetros do sistema.

Neves (2004), nos mostra como as produções capitalistas intervêm para prolongar e gerir um determinado tipo de existência. As forças inventivas e tensões próprias da vida nutrem o capital à mediada que por ele são capturadas. A inventividade se constitui como principal engrenagem do capitalismo. Ao capturar o processo criativo dentro de territórios pré-formatados com os signos do sistema, surge um aparelho de homogeneização cujo princípio organizador é a geração de lucro.

Na abertura das portas da percepção, os agenciamentos registrados no sistema operacional se desfazem, através da diluição das coordenadas do mapa possibilitando a viagem pelo plano onde as intensidades ainda não são formas. Ao criar territorialidades a experiência intensiva ganha sentidos e pode ser comunicada. Tendo em vista o sistema operacional como último horizonte de sentido, os novos territórios podem ser capturados em formas pré-estabelecidas ou constituir focos de resistência, gerando planos de partilha com signos e enunciados contrários à lógica dominante.

Tendo em vista as diferentes formas de criação e partilha, que de alguma forma se opõem à lógica dominante, para nos ajudar, invocamos Aldous Huxley e sua experiência com alucinógenos. Huxley nasceu em 1894 na Inglaterra no seio de uma família intelectual, entre os membros se destaca o avô Thomas Henri Huxley, grande biólogo defensor das teorias de Darwin e criador do conceito de agnóstico. A partir de 1921, Huxley ganhou reputação literária com o lançamento da novela *Crome Yellow*, na maior parte da década de 20 o autor viveu na Itália fascista de Mussolini, onde conviveu de perto com o fascismo e sistemas autoritários que se tornaram parte importante em suas obras literárias.

A partir dos anos 30, a obra de Huxley adquire um tom mais sombrio, *Admirável mundo novo*, distopia de uma sociedade que encontra o ápice da civilização humana, saiu para o público em 1932. Entendemos que esta mudança na obra do autor está agenciada com a conjuntura social que envolve o mundo: o fortalecimento de poderes ditatoriais e a Segunda Guerra Mundial. Nesta época, mais especificamente, em 1937, Huxley (já um escritor reconhecido) deixa a Europa e se muda para a Califórnia. Este momento marca uma importante virada para Huxley, o contato com as múltiplas experiências desviantes que aconteciam nos EUA e sua aproximação com o oriente, trocando o individualismo ocidental pelo que considerava a filosofia perene oriental, centrada na ideia de unidade.

Neste período, a Califórnia passava por intensas experimentações que, mesmo com grandes diferenças, iniciaram os movimentos chamados de contraculturais. Contracultura denomina o conjunto de movimentos de contestação social que buscavam transformações nos valores e comportamentos vigentes na sociedade, questionando os ideários da sociedade capitalista experimentavam novas formas de relacionamento, convívio e expressão social. Uma importante linha para os agenciamentos contraculturais foram as drogas, entre elas o LSD teve importante papel disparador. Esta substância foi sintetizada pela primeira vez em 1938 pelo

químico suíço Albert Hofmann, durante a década de 40 o LSD chega às ruas<sup>13</sup>, logo sendo incorporado aos mais diversos círculos: curiosos, artistas, pesquisadores, alienistas<sup>14</sup>. O LSD ligou o ocidente a aspectos subjetivos que haviam sido deixados de lado, gerando aproximação com o oriente e com as culturas arcaicas da América, destacadamente com as culturas indígenas que usavam substâncias psicoativas em rituais. A psilocibina e a mescalina, junto com o LSD formaram a tríade dos alucinógenos clássicos.

É neste contexto que Huxley faz sua primeira experiência com alucinógenos, especificamente, a mescalina. Esta experiência foi acompanhada e registrada em áudio, dando origem ao livro publicado em 1954: *As portas da percepção*.

Huxley acreditava que a experiência com alucinógenos poderia ajudar a lançar luz sobre os processos mentais e se aproximar de experiências que não versavam pela individualidade racional ocidental. Assim, no livro de 1954, a mescalina funciona como catalisador, e no relato aparece uma incursão em questões relativas à arte, à filosofia e à psicologia, chegando a propor um sistema que explicaria a gênese criativa e os processos patológicos da loucura.

Para o autor, o cérebro e o sistema nervoso seriam uma válvula redutora que, por meio do caráter seletivo da memória e das restrições impostas pela linguagem, impediria que o homem fosse esmagado pela torrente que emana da Onisciência (força presente em todo o cosmos que engloba todo o saber e todo o tempo) em potencial ao qual está sujeito. Esse sistema redutor permite passar aquilo que será útil para sobrevivência, permitindo a entrada de um minguado fio da Onisciência que somos capazes de suportar. Achamos interessante tal nomenclatura, o plano de imanência é a Onisciência, entretanto, o último nome deixa claro que no plano de pura intensidade está presente uma espécie de sabedoria que não diz respeito aos signos humanos, mesmo que esses dela façam uso. Nesta inspiração, em diante, faremos uso da nomenclatura proposta por Huxley.

A partir de Bergson e Broad, o autor afirma que a principal função do sistema nervoso é eliminativa e não produtiva. Para Huxley, todos possuímos em potencial a Onisciência, contudo estas forças se não fossem controladas esmagariam o sujeito. Poeticamente, inspirado em Wiliam Blake, Huxley chama este sistema redutor de “portas da percepção”. É através delas que a força entra no plano subjetivo, desta maneira podemos dizer que há um coeficiente saudável para essa

---

<sup>13</sup> Nessa época foi comercializado em farmácias, vendido pela companhia farmacêutica Sandoz.

<sup>14</sup> Destacamos o psicólogo e escritor Timothy Leary, devido à grande importância de suas pesquisas.

abertura. As portas da percepção são criadas pelo sistema operacional, selecionando aquilo que deve passar para ser registrado.

Para Huxley (2002), o artista é o exemplo daquele que consegue suportar uma maior abertura sem ser destruído perante as forças, e, assim, conseguir novamente criar territorialidade que permitem a comunicação da experiência. Fica claro como entre a saúde e a doença há uma linha tênue. É a mesma força que faz alguém se tornar artista que pode fazê-lo cair na loucura, tomada aqui como entidade clínica. A porta aberta pode deixar entrar mais do que somos capazes de suportar podendo gerar processos patológicos. Para Huxley, para dar conta destas forças que entram pelas portas da percepção, o homem aperfeiçoou o sistema de símbolos e suas filosofias implícitas que formam os idiomas. Isto fez com que, cada vez mais, o homem se prendesse a este sistema como O Mundo e O Saber, não se dando conta que são expressões mínimas e parciais de todas as possibilidades.

Neste sentido, Adams (2009a) indica que o mundo conhecido proporciona grande conforto. Por exemplo, no enorme planeta Oglaroon, toda população inteligente vive permanentemente dentro de uma noqueira. É nessa árvore que nascem, se apaixonam, vivem, especulam sobre o sentido da vida, e, por fim morrem. Os únicos oglaroonianos que saem desta árvore são aqueles que são banidos pelo crime de imaginar se alguma das outras árvores poderia ser capaz de sustentar a vida, ou, mesmo pensar que as outras árvores são algo além de uma ilusão provocada pela ingestão excessiva de oglanozes. O *Guia do Mochileiro das Galáxias* indica que por mais estranho e peculiar que esse comportamento possa parecer, “não há uma única forma de vida na Galáxia que não possa ser acusada, de algum modo, dessa mesma coisa” (ADAMS, 2009a,72). Para dar conta das forças que emanam da Onisciência o homem edificou sistemas de signos e enunciados que permitem à construção de sentidos e seu compartilhamento, entretanto, estas criações dentro do sistema operacional são naturalizadas, tornando o mundo e os saberes que possuímos as únicas expressões da realidade. Não somos muito diferentes do oglaroonianos, tendemos a tomar o mundo que nos cerca como nossa árvore, transformando seu interior na única possibilidade concreta da existência.

O sistema operacional gera a estabilidade da repetição, seus enunciados e horizontes de sentidos tornam familiares as experiências cotidianas. O sistema operacional tende a reduzir o coeficiente de abertura das portas da percepção, fazendo com que o mapa entre em contado com a Onisciência o mínimo possível.

Vivemos no confortável mundo dos símbolos. Tomamos os sentidos do sistema operacional como dados, consideramos esse saber limitado como a única possibilidade, fazendo com que encaremos como única expressão da verdade. A abertura das portas da percepção traz o desconforto da viagem, o desfalecimento do conhecido e a conseqüente necessidade de criar novos traçados no mapa. Dentro do sistema operacional as criações são limitadas pelos sentidos de seus enunciados, é na relação com a Onisciência que os processos de criação ganham força.

Retornando a Huxley, a experiência proporcionada pela mescalina fez com que outra dimensão do mundo aparecesse, todos os fatos considerados de menor importância, que não tinham ligação direta com aquilo que se considera de grande valor para a vida diária e utilidade biológica, assumiram o primeiro plano. O autor relata uma experiência na qual as coordenadas de espaço-tempo perderam sua primazia dando lugar a “intensidades de existência” (HUXLEY, 2002, p.10). Apareceram os fluxos, partículas em movimento e repouso. As relações espaciais e o tempo de duração definida que o relógio marca perderam seu valor em detrimento de outro modo de experienciar. Huxley afirma que a grande mudança não foi subjetiva, mas se dava no reino dos fatos objetivos. Contudo, acreditamos que a mudança subjetiva é inseparável da mudança objetiva; subjetivo e objetivo não são dois polos que interagem, são coemergentes, constituindo um ao outro no mesmo movimento. É necessário repensar a relação entre sujeito objeto, saindo da hierarquia entre os termos para tomá-los como portadores de parciais de subjetividade que se compõem em um agenciamento.

No próprio relato de Huxley encontramos elementos para corroborar com essa afirmativa. O autor declara que o grande erro da filosofia platônica foi “separar Existir de *tornar-se*” (HUXLEY, 2002, p.9). A experiência com alucinógenos torna isso muito patente, ao diminuir a força do eu, diluindo os agenciamentos que formam o mapa, se acessa o plano onde a realidade se constitui, a experiência de existir se confunde com os constantes vir-a-ser. Longe de entender essa experiência como transcendente, apreendemos que se trata de um mergulho na Onisciência, no plano onde sujeito e mundo se constituem.

Também é de fundamental importância levar em consideração que a temática das drogas em toda a obra de Huxley excede os efeitos alucinógenos que provocam em cada indivíduo, sempre levando em consideração o modo como essa experiência se insere na sociedade em que o indivíduo está inserido, como as fugas provocadas pelo Soma no *Admirável mundo novo*, ou o Moksha que pretende libertar os egos no romance *A ilha*. A experiência de abertura ganha

determinados sentidos em determinado sistema operacional, mesmo que a mescalina usada por Huxley fosse retirada do mesmo cacto utilizado por um xamã, as experiências ganham sentidos diferentes de acordo com a singularidade relativa e a maneira como se registra no sistema operacional. Cada sistema possui redes de signos que conferem sentidos próprios às experiências. Dentro da experiência xamânica o transe provocado pela mescalina está inserido em um contexto social com narrativas e enunciados que conferem um valor específico a experiência do xamã (MCKENNA, 1995). A experimentação feita por Huxley é contingente aos sentidos de seu contexto, ainda que ocorram aproximações entre territórios de sentido dos dois sistemas, é de acordo com o sistema operacional ao qual pertence que Huxley poderá manejar o fator comunicacional que permitirá a partilha.

A diluição do mapa e sua reconstrução estão diretamente ligados aos sentidos do sistema operacional, são os enunciados do sistema que em sua dimensão performática constituem o plano no qual as experiências são compartilhadas. As condições da experiência de Huxley são próprias de seu espaço-tempo. Ainda que aproximações com as culturas xamânicas sejam feitas, não podemos nos esquecer que o sistema operacional de tais culturas possui outros enunciados e horizontes de sentido.

Como frisamos, um dos aspectos mais importantes para abertura das portas da percepção é a diluição das coordenadas do mapa, o enfraquecimento do eu. Contudo, Huxley coloca que seja espontâneo ou induzido pela meditação, hipnose ou ingestão de drogas, isso “não destrói a válvula de redução, que ainda impede que se escoe por ela toda a torrente da onisciência” (HUXLEY, 2002, p.12). Mesmo sendo uma experiência que parte da “dissolução do ego”, uma parte deste deve permanecer para permitir a reconstrução territorial. Podemos entender o mapa como um pergaminho onde diversas coordenadas estão traçadas, rotas, topografia, tudo aquilo que forma o sujeito está ali escrito, a viagem (em maior ou menor grau) apaga estas escritas como um palimpsesto. Palimpsesto designa um pergaminho cujo texto foi eliminado para permitir sua reutilização, da mesma maneira, a viagem apaga as coordenadas do mapa para permitir que os traçados possam ser remanejados ou que novos sejam criados. Como em um palimpsesto, mesmo aquilo que é apagado continua de alguma forma presente, como mostram algumas tecnologias modernas que tem permitido a recuperação de textos que na Idade Média foram eliminados para que o pergaminho cedesse lugar há um novo.

A abertura das portas da percepção não destrói o mapa, mas abre suas territorialidades, permitindo que novas formações surjam ou não. Por mais intensa que uma viagem seja, é a permanência de alguns aspectos do mapa, ainda que sejam como marcas no pergaminho apagado, possibilitando a reconstrução territorial que permite, através dos sentidos do sistema operacional, a criação de sentidos que podem ser compartilhados.

A viagem está diretamente ligada aos processos de criação, sejam eles artísticos ou invenções do cotidiano, é na relação com o plano intensivo que novas territorialidades emergem em novas experiências de sentido. Dessa maneira, os processos de criação de si possuem a mesma dinâmica, é na viagem que intensidades podem ser experimentadas, fazendo com que os traçados do mapa sejam remanejados. Após a viagem, as construções territoriais alteram aspectos do mapa, novos agenciamentos modificam a geodésica possibilitando que mudanças constitutivas do eu sejam experimentadas. Tomemos uma cena do *Guia do Mochileiro das Galáxias* para auxiliar a compreensão.

Arthur há algum tempo viajava por diferentes probabilidades do espaço-tempo na esperança de reencontrar o planeta Terra. Quando já não mais acreditava em tal possibilidade conseguiu uma carona que, não apenas o deixou no planeta Terra, o deixou a poucos quilômetros de onde ficava sua casa.

A casa continuava no mesmo lugar, andou pelos cômodos e percebeu que tudo parecia exatamente da mesma forma como havia deixado. Exausto pela longa viagem deitou na cama deixando-se envolver pela escuridão, relaxou os membros, acalmou a respiração, fechou os olhos e percebeu que não conseguiria dormir. Olhando pela janela viu a lua que parecia amarrotada entre as nuvens, deixou a cama e através de uma velha claraboia a muito não usada subiu no telhado. Sentiu o vento, sentiu os aromas da noite, sentiu suaves lembranças a muito esquecidas. Levantou os olhos para olhar mais uma vez a lua e percebeu que

Aqueles não eram os mesmos olhos com os quais observara aquela vista pela última vez, e o cérebro que interpretava as imagens que seus olhos montavam também não era o mesmo cérebro. Nenhuma cirurgia envolvida, apenas a desarticulação contínua da experiência. (ADAMS, 2009c,p52)

Para Arthur a noite parecia uma coisa viva, naquele momento a terra escura à sua volta era um ser no qual estava enraizado. Percebeu que por mais que houvesse voltado para Terra e para sua casa, não eram o mesmo planeta nem a mesma habitação, da mesma forma, Arthur já não era o mesmo.

O que Adams chama de “desarticulação contínua da experiência” podemos entender como o contínuo movimento dos agenciamentos em sua dinâmica de dissolução e constituição de territórios. Ao viajar, as portas da percepção são abertas, as intensidades são experimentadas em parâmetros diversos dos fundamentos cotidianos, a reterritorialização combina e articula diferentes parciais que formam os agenciamentos. Neste processo alterações, em maior ou menor grau, são imputadas nos elementos que constituem o mapa. Ao longo de suas viagens Arthur, muitas vezes sem se dar conta, diluiu as territorialidades de seu mapa e construiu novas, experimentou novos sentidos, fez diferentes usos de diferentes enunciados. A contínua desarticulação da experiência a todo tempo modifica aquele que experiencia, de maneira que não há um sujeito que experiencie, mas sim, uma experiência que cria o sujeito no qual os sentidos emergem.

Ainda que experiencie a continuidade entre aquilo que se foi e o que se é, o ininterrupto movimento dos agenciamentos não para de inserir modificações, decodificar enunciados e criar traçados para novos signos.<sup>15</sup> A criação, o processo de tornar-se outro, está diretamente ligada à viagem, o momento onde as coordenadas do sistema operacional são suspensas permitindo que o sujeito aumente seu grau de contato com as intensidades da Onisciência.

Voltando a Huxley, o autor em sua narração fala sobre a arte, mas deixa claro os perigos da loucura. Olhando as belezas de um jardim declara: “repentinamente, tive uma vaga noção do que seja sentir-se louco” (HUXLEY, 2002, p.24). O autor evidencia a relação entre loucura, arte e a experiência com alucinógenos. Para ele os dois últimos flertam todo o tempo com a primeira, chega a dizer que a maior parte da experiência com mescalina era constituída de “sensações celestiais da esquizofrenia” (HUXLEY, 2002, p.24), mas também havia mergulhos nos infernos.

---

<sup>15</sup> Como no paradoxo de Argos, a embarcação de Jasão e os Argonautas. Jasão possuía um navio inteiramente feito de pranchas de madeira. Com o tempo essas pranchas foram se desgastando, sendo substituídas por outras. Em certo dia, todas as pranchas haviam sido substituídas. Um construtor de navios decidiu aproveitar as pranchas trocadas e construiu um navio do mesmo modo que o navio de Jasão. Qual dos dois navios é o original? Jasão dirá que navegou o tempo todo no Argo *original*. Já o construtor que construiu o *novo* barco dirá que este é o Argo *original*. Está colocado o paradoxo.

A Onisciência está em comunicação com os sujeitos, entretanto, as portas da percepção permitem a passagem de um pequeno fio que se registra no sistema operacional, criando percepções coletivamente compartilhadas.

Até agora traçamos o movimento de constituição da realidade: cada configuração espaço-temporal possui um sistema operacional com seus enunciados e horizontes de sentido, múltiplos agenciamentos formam o sistema operacional, ganhando sentido ao, nele, se registrar ao mesmo tempo em que imputem modificações. Nesta operação, o sujeito surge como mapa, formado pelas articulações entre os agenciamentos e os sentidos do sistema operacional. Entretanto, todo este movimento é segundo em relação a uma instância de puras intensidades, a Onisciência é uma Singularidade Absoluta, fonte que anima a constituição da realidade, contudo, sendo experienciada através do sistema operacional que cria uma experiência perceptual coletivamente compartilhada.

Dentro deste esquema retomamos a questão da viagem como processo de criação. A condição para que a viagem aconteça é a abertura das portas da percepção, levando o sujeito a entrar em maior contato com a Onisciência, abrindo os sentidos do sistema operacional e permitindo experienciar intensidades previas a qualquer sentido.

Neste sentido, a loucura entra em cena. No embate entre os processos de criação e os sentidos hegemônicos impostos pelo sistema, determinadas experiências de criação por seu teor divergente são suprimidas. Colocadas à margem das significações correntes podem ser isoladas do contexto social, dificultando sua comunicação. A loucura exemplifica este combate, suas criações excedem os signos do capitalismo, colocam em cena outras possibilidades de perceber o mundo. O sistema tende pejorativamente a qualificar como delirantes tais criações, gerando mapas isolados dos campos de partilha de sentido.

Tomamos a loucura como potencialmente perigosa para o sistema, suas viagens criam territórios que contradizem o hegemônico e podem indicar formas diversas de significação da realidade. Assim, passamos para o próximo capítulo no qual, utilizando os conceitos apresentados, entraremos mais detalhadamente na loucura.

## 2 - Acerca da loucura

Para Arthur aquele ambiente era conhecido, já havia dirigido por aquela rodovia, conhecia o caminho. Sabia que estava a mais ou menos oito quilômetros da entrada que levava para a cidade onde morava, as construções, as árvores, tudo era extremamente igual às imagens que possui na memória, e, mesmo assim, tinha a nítida sensação de que algo estava completamente diferente, “como velhos fantasmas na escuridão da noite, causando arrepios que só coisas muito, muito normais podem provocar, se vistas quando a mente não está preparada e sob um ângulo desconhecido” (ADAMS, 2009c, p37).

Interagimos com o mundo através de nossas percepções, o que chamamos de normalidade é um estado perceptual rotineiro construído na relação entre o mapa e o sistema operacional. Como Arthur percebeu, as coisas normais podem provocar espanto, quando vistas sob outro ângulo apreendemos que a normalidade naturalizada do conhecido é uma construção, e como tal, pode ser desfeita.

É preciso entender que não existe uma essência de normalidade que atribui sentido às coisas do cotidiano. O normal requer um esforço da mente em negociação com o sistema operacional. Uma coisa não é a mesma vista sob diferentes ângulos, a perspectiva é atributo daquilo que a coisa é. As experiências de partilha de sentido, e os diferentes níveis do que no senso comum chamamos de realidade, dependem de uma série de fatores. Tais fatores por sua recorrência acabam passando como causas naturais, deixando de levar em consideração que são construções históricas.

Diferentes procedimentos trapaceiam a linguagem que forma as coordenadas do sistema operacional, mesclando regimes de signos e embaralhando os enunciados constroem territorialidades com sentidos diferentes dos ditos normais. A *fonte*, considerada uma das obras primas do dadaísmo, criada em 1917 por Marcel Duchamp, consiste em um simples urinol branco invertido. Este exemplo é representativo do potencial artístico de colocar signos ordinários em diferentes relações, fazendo uso da dimensão performática da linguagem para efetuar desvios na relação naturalizada com os signos.

Não apenas os diferentes tipos de arte possuem tal poder de recombinação dos signos, diferentes procedimentos aumentam o coeficiente de abertura das portas da percepção, disparando viagens que propiciam as intensidades para reconstituir os agenciamentos e territórios

em diferentes composições. Em relação à realidade hegemônica existe toda uma gama de experiências divergentes, entre estas destacamos uma: a loucura. Entendemos a loucura como experiência paradigmática para compreender as possibilidades de criação de novos sentidos e modificações no sistema operacional.

A loucura aparece como um outro modo de abordar a questão da criação no embate com as capturas do sistema capitalista. O lugar outorgado à loucura em nossa sociedade possui uma história, a desvalorização do discurso delirante e a construção de uma entidade clínica são enunciados próprios de nosso sistema. Tirando a loucura de sua condição de doença, tomamos o delírio como construção de sentido para as experiências intensivas. O louco doente emerge das relações estabelecidas por um sistema operacional que tende a desqualificar as experiências que recusam a lógica rentável. Fazendo, assim, uso do que até agora foi trabalhado, partamos para outra viagem, adentremos no território da loucura.

## **2.1 - Loucura, sistema operacional e linguagem**

Era uma noite escura e chuvosa, o que era normal para aquela época, uma nave cruzou o céu e aterrissou, foi vista apenas por algumas vacas que não deram muita atenção ao caso. Uma escotilha se abriu, um pequeno lance de escadas se desdobrou, por ele desceu uma figura de vestes rotas, barba por fazer e os olhos cansados de quem acaba de cruzar a Galáxia.

Arthur estava de volta à Terra, ou, pelo menos o que ele acreditava ser o planeta Terra. A nave que havia lhe dado carona retomou seu caminho, cruzando as nuvens carregadas desapareceu no breu da noite. Arthur, lutando contra as águas que caíam em torrentes, caminhou até a estrada na esperança de, o mais rápido possível, pegar carona com um carro que lhe deixasse próximo de casa. Molhado pela chuva que caía, pelos caminhões que de propósito cruzavam passas a toda velocidade e pela água que de tanto acumular no chão dele parecia brotar, um carro parou e ofereceu carona ao viajante.

O motorista se chamava Russel, era um homem alto de bigode louro que após os ‘ois’ iniciais manteve-se quieto evitando responder as perguntas que lhe eram direcionadas. Talvez, mais tarde refletiu Arthur, tal situação fosse devido ao teor das perguntas que fazia, todas elas

sobre a garota deitada no banco de trás. Ela era irmã de Russel, segundo ele, dormia por estar sedada, havia acabado de sair do sanatório onde estava internada.

A situação da irmã irritava Russel, não se conformava com o diagnóstico de loucura, era como se ela estivesse doente de algo que se quer chegava a ser uma doença. No natal chegou a lhe dar de presente um dicionário médico, um enorme livro com milhares de doenças em ordem alfabética. “– É. Escolha uma, eu disse. Tudo o que está aí pode ser tratado. Os remédios adequados podem ser receitados. Mas não, ela tinha que ter uma coisa diferente. Só para dificultar a vida” (ADAMS, 2009c, p36).

A loucura antes de ser uma doença é um nome genérico para aquilo que desvia do hegemônico. Russel sabia que a irmã não estava bem, mas, não conseguia compreender o que se passava. Para ele, o diagnóstico de louca servia apenas para cobrir uma série de sintomas estranhos que pertenciam apenas à própria irmã. O louco é designado dessa forma pelos enunciados presentes no sistema operacional, o sistema operacional de cada época possui uma margem de tolerância ao desvio, a maneira como o nosso atual sistema operacional e a loucura se relacionam possui uma história.

Segundo Foucault (2010), vemos que o lugar que a loucura ocupa hoje em nossa sociedade possui uma história recente. O autor indica como início de tal concepção o final da Idade Média. Quando a lepra desaparece do mundo ocidental os leprosários vazios suscitaram diversos conflitos, devido a sua importância econômica. O que fazer com a renda dos leprosários e com seu espaço físico? A lepra chegou ao fim, mas a figura do leproso permaneceu. O jogo de exclusão apenas mudou seus participantes, pobres, vagabundos, presidiários e loucos entram em cena.

O lugar ocupado pelo leproso é ocupado por outros personagens, tanto no imaginário social como na fisicalidade dos antigos leprosários que passaram a ser instituições de internamento. No século XVII existiam em Paris diversas casas de internamento, o que comumente não se leva em consideração é que mais de um habitante em cada cem se viram nelas internados pelo menos uma vez. Foucault assinala que o poder fez largo uso de cartas régias e de prisão arbitrárias, entretanto “é menos sabido qual a consciência jurídica que poderia animar essas práticas” (FOUCAULT, 2010, p.48). Para o autor, nesta época não é claro qual o sentido em se atribuir uma estreita vizinhança entre os pobres, desempregados, correccionários e insanos,

todos vítimas da internação sem que seu estatuto fosse plenamente claro. Dessa forma, é entre os muros dos internatos que a psiquiatria do século XIX encontrará os loucos.

O internamento aparece como estrutura mais visível na experiência clássica da loucura. Com a fundação do Hospital Geral, surge uma instituição que não é um estabelecimento médico, é antes uma estrutura semijurídica, uma espécie de entidade administrativa. É interessante apontar que a administração do Hospital Geral serve aos interesses da coroa e da burguesia à medida que é uma instituição diretamente ligada ao poder real, ao mesmo tempo em que está sob a autoridade do governo civil<sup>16</sup>.

O internamento é parte de uma série de mudanças que ocorriam no sistema operacional medieval: as mudanças políticas, o declínio do poder da Igreja, o nascimento de uma nova classe que aos poucos se torna detentora privilegiada do poder econômico e todo conjunto de mudanças na moralidade estão presentes no movimento que interna aqueles considerados desviantes. Para Foucault o internamento designa “um outro relacionamento do homem com aquilo que pode haver de inumano em sua existência” (FOUCAULT, 2010 p.56). Dessa forma, o homem que não pode responder por sua própria existência (pobre ou louco) assume uma figura que o sistema operacional da Idade Média não teria reconhecido. É a partir do fim da cosmovisão totalista do medievo que surge a figura da individualidade, e conseqüentemente, a possibilidade de existir um indivíduo isolado do social que não é capaz de responder sobre si mesmo.

Com o desenvolvimento das práticas econômicas mercantis e o fortalecimento da reforma protestante, os enunciados e signos burgueses ganham força. Marx e Engels no *Manifesto do partido comunista* (2009) indicam que ao revolucionar os instrumentos de produção e as relações de produção, todas as relações sociais foram revolucionadas. Não foram apenas mudanças econômicas, o surgimento da burguesia e sua ascensão como classe dominante imputou modificações no sistema operacional, criando novas relações sociais e maneiras de se relacionar consigo e com o mundo.

Os signos burgueses tornaram-se hegemônicos, transformando a rentabilidade econômica em uma forte palavra de ordem. Não é despropositada a relação entre pobres, correccionários e loucos, todos estes de alguma maneira desviam da lógica do sistema. Weber indica que dentro do contexto burguês a educação, os signos religiosos e morais estão relacionados a uma maneira

---

<sup>16</sup> Entretanto, a Igreja não permaneceu estranha a este movimento, passado por uma intensa reforma de suas antigas instituições.

singular de perceber o mundo a partir de “uma inclinação específica para o racionalismo econômico” (WEBER, 2004, p.34). Esta inclinação é uma criação que faz com que os enunciados do sistema operacional criem mapas com coordenadas específicas. Neste sentido, o louco recusa a rede de signos burgueses, desvia das moralidades da cultura da elite que com o tempo se estabelece como sistema operacional. A loucura se delinea como experiência divergente a rede de signos hegemonicamente instituídos.

A internação, como instituição própria do século XVII, designa um momento decisivo: momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo, é a partir deste momento que a loucura, experiência economicamente não rentável, irá ser tomada como problema social dentro dos problemas da cidade.

Podemos tomar a loucura como o outro em relação ao hegemonicamente instituído. A loucura como outra forma de criação de sentido, que não necessariamente passa pelas vias impostas pelo sistema operacional vigente. A loucura do louco não é uma essência, é uma experiência de criação que a partir dos enunciados e signos do sistema operacional cria novos sentidos e signos, desta maneira, surgindo como experiência de não adequação a uma ordem que, adotada como comum, é tomada como forma de vida e ordem a ser seguida.

A partir do movimento que até agora traçamos, chegamos a um ponto de suma importância: na história ocidental, a consciência da loucura nunca formou um bloco que se metamorfoseou de maneira homogênea. A loucura possui sentido despedaçado, pontos múltiplos que não formam um todo unitário. Neste viés, Foucault afirma que “talvez uma certa não-coerência seja mais essencial à experiência da loucura do que em qualquer outro lugar.” (FOUCAULT, 2010, p.165). É possível uma determinada gama de saberes e conceitos recobrirem a loucura, entretanto, será de um modo superficial, como o esforço moderno buscando em termos objetivos indicar a experiência da loucura como “doença mental”.

Tomamos a loucura a partir de uma concepção social, política, jurídica e econômica do indivíduo dentro da sociedade. Buscamos na loucura a possibilidade de trazer à tona a experiência que Foucault chama de consciência crítica (FOUCAULT, 2010), entendendo a linguagem da loucura como possibilidade de criação de formas de sentido que se opõem ou mesmo fazem explodir os sentidos do sistema operacional. A realidade dominante é uma construção de linguagem concretizada em sua dimensão performática, dentro da lógica do

sistema capitalista o discurso delirante é tomado depreciativamente. Em grande parte das vezes é colocado dentro de territórios que constroem a patologia que habita o imaginário social, formando barreiras entre a comunicação delirante e os signos correntes. A loucura para além do patológico é um processo de criação de sentidos para experiências intensivas, assim, buscamos na loucura sua não-coerência, seu desvio, seu potencial desestabilizaste. Para isso é importante entender como a loucura chegou à objetificação que a encarcerou como doença mental.

No século XVIII se definiu uma importante estrutura que se arrasta até os dias de hoje, o imediato reconhecimento do louco ao mesmo tempo em que não mais se pode definir a loucura. Voltemos para a cena de Russel e sua irmã. Para ele não há dúvida de que a irmã é louca, seus delírios e estranhezas tornam inegável tal diagnóstico, entretanto, não compreende o que é a loucura. Percebe que a loucura não tem uma localização exata, percebe que o que torna a irmã louca é singular à ela, percebe que é a inadequação ao que coletivamente se chama de realidade o verdadeiro problema. Foucault nos indica que “o louco é o outro em relação aos outros: o outro – no sentido da exceção – entre os outros – no sentido do universal.” (2010, p.183). O louco através de suas manifestações no exterior, inferido a partir da experiência objetiva do homem razoável. A loucura é tomada em relação aos outros, em sua generalidade anônima, tomada em relação aos signos e enunciados do sistema operacional. Em suma, “o louco não pode ser louco para si mesmo, mas apenas aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão da própria razão.” (FOUCAULT, 2010, p.186). A grande questão é: quem é este terceiro? A questão se torna ainda mais pertinente se levamos em consideração que a evidência apontável de que alguém é louco não se baseia em nenhum domínio teórico sobre o que seja a loucura.

Tomemos da literatura um exemplo para melhor compreensão. No conto *O feiticeiro e o deputado* (BARRETO, 2010, p.202), Lima Barreto narra a história de um homem que ao chegar a uma pequena cidade do interior compra um pequeno terreno e nele passa a viver recluso, cuidando da horta e lendo seus poucos livros. Mesmo morando dentro da cidade, vivia isolado, limitando as interações sociais a poucas conversas. Tal estranha maneira de vida diferia do modo como os habitantes da pequena cidade estavam acostumados a viver, assim, frente ao estranhamento dos hábitos do novo inquilino, os habitantes passaram a chamá-lo de feiticeiro. Frente à desconfiança de uns e a curiosidade de outros “ficou sendo um príncipe encantado, um

gênio bom a quem não se devia fazer mal” (BARRETO, 2010, p.204). Na opinião do médico da cidade a resposta era mais simples “diagnosticou: um puro louco.” (BARRETO, 2010, p.204).

O feiticeiro seguia sua vida, isolado, cuidando da horta, cortando a lenha que vendia apenas para comprar as utilidades necessárias. Em volta da figura criou-se histórias e mitos, presentes nas conversas e no imaginário dos habitantes que viam o feiticeiro como um outro, ainda que habitante da mesma cidade, de alguma forma a ela não pertencia.

Um dia um deputado veio da capital visitar a pequena cidade, o médico, o escriturário e o vendeiro da cidade o receberam. Mostram-lhe os recantos mais agradáveis, as praias, os morros, as plantações. Por fim, depois de um dia fatigante o médico falou para o deputado: “Vamos ver, doutor, um degenerado que passa por santo ou feiticeiro aqui. É um dementado que, se fosse lei, já de há muito estaria aos cuidados da ciência, em algum manicômio.” (BARRETO, 2010, p.204).

O deputado concordou em acompanhá-los até a casa do feiticeiro, quando chegaram o feiticeiro trabalhava na horta, na primeira vista o deputado o reconheceu “És tu, Ernesto?” (BARRETO, 2010, p.204). O deputado conhecia o feiticeiro, contou à comitiva que o feiticeiro era doutor e amigo de longa data, frente à revelação rapidamente mudou-se a opinião dos três:

- Logo vi, disse o médico. Os seus modos, os seus ares, a maneira com que se porta fizeram-me crer isso; o povo, porém...

- Eu também, observou Almada [o escriturário], sempre tive essa opinião íntima; mas essa gente por aí leva a dizer...

- Cá pra mim, disse Bitu [o vendeiro], sempre o tive por honesto. Paga sempre as suas contas. (BARRETO, 2010, p.205)

Retomamos a questão: quem é este terceiro que designa a loucura? Lima Barreto<sup>17</sup> escreveu o conto no começo do século XX, em suas narrativas podemos ver no Brasil (cronologicamente um pouco depois) o movimento que Foucault traça na Europa. No conto em questão há uma marcante diferença no modo como era visto o feiticeiro. Por um lado, o povo via o personagem principal como feiticeiro dotado de características positivas, um estranho de

---

<sup>17</sup>O tema da loucura está presente em muitas partes da obra de Lima Barreto. O próprio Lima Barreto passou pela experiência da internação, posteriormente relatada no *Diário de hospício* e na ficção *A casa dos mortos*.

modos peculiares, mas “um gênio bom a quem não se devia fazer mal” (BARRETO, 2010, p.204).

Por outro lado, três figuras eram de opinião contrária: o médico, portador dos saberes da medicina; o escriturário, representante na cidade do discurso jurídico; e o vendeiro “representando o ‘capital’ da localidade” (BARRETO, 2010, p.204). Podemos tomar estes personagens como representantes dos enunciados do sistema operacional, designando o desviante como louco. A partir do momento em que o deputado indica ser o feiticeiro doutor e amigo, opera-se um performativo da linguagem que transforma o louco em doutor, tendo suas estranhezas justificadas como pequenas maneiras excêntricas.

A loucura é uma experiência de linguagem que adquire seu valor de acordo com a maneira como se insere no sistema. Caso encontre dentro do sistema finalidades que a justifiquem, não torna louco o homem que a possui. Todavia, em nosso atual sistema operacional, as finalidades versam pelos caminhos do lucro, excluindo as experiências que fogem dessa lógica.

No conto de Lima Barreto vemos como os enunciados do capital, médico e jurídico criam o território onde a experiência do feiticeiro é designada. A loucura antes de ser para o louco é a discrepância com os enunciados do sistema operacional. Como já frisado, a realidade é uma experiência perceptual em alguma instância compartilhada, e esta é constituída pela linguagem. Não há um sentido que anteceda ontologicamente, uma vez que este se constitui e varia a cada momento do encontro. Cada experiência ganha sentido dentro dos enunciados e signos do sistema, dentro das coordenadas capitalistas as experiências que não se enquadram na lógica mercantil recebem designações que as localizam em territórios tomados pejorativamente em relação à realidade dominante. O performativo convoca mudanças nos agenciamentos, as designações do sistema criam corpos e experiências de partilha dos sentidos, podendo isolar o divergente já que este se opõe aos signos hegemônicos.

Foucault no texto *Debate sobre o romance* (2001a) coordena um debate, em determinado momento os presentes começam a discutir o que seria a realidade. Um dos debatedores aponta que “vivemos em um mundo de signos e de linguagem, é precisamente este, acredito, o problema”. Frente a tal afirmação Foucault coloca sua posição “que a realidade não existe, que só existe a linguagem”. O filósofo leva a radicalidade a linguagem como construtora de mundo,

não existe uma realidade onde a linguagem exerceria seu papel, a própria linguagem é a realidade.

Ao expor sua posição Foucault é interpelado por E. Sanguinetti, um dos debatedores, que coloca que a partir de uma posição materialista, que é a sua, não é possível crer que não haja realidade. A resposta de Foucault é simples: “Sou materialista, porque nego a realidade”. Tal pensamento, claramente parceiro de Nietzsche, toma a linguagem como criadora de mundo, pela dimensão performática a linguagem constrói a realidade com a qual os signos entram em relação, neste viés, não há uma realidade onde se desenrola a linguagem. É tanto na linguagem quanto por ela que o mundo se cria, o que chamamos de realidade emerge com a experiência de linguagem que a cria.

É interessante notarmos que Foucault chama sua posição de materialista, com este movimento o filósofo derruba por terra qualquer abstração que exterior ao mundo o daria sentido. O poder criativo das viagens está diretamente ligado à performatividade da língua, no eixo horizontal dos agenciamentos encontramos duas faces: agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação. Corpo e enunciação são duas dimensões inseparáveis da realidade, as construções de sentido possuem estados de corpos correspondentes. Neste viés, mesmo as construções delirantes interferem na realidade, onde reside o perigo para o capitalismo, possibilidade de construir planos territoriais cuja partilha perceptual faz uso de signos e enunciados que resistam ao sistema.

A linguagem é concreta, performática, construtora de territorialidade. Não podemos nos esquecer que o que chamamos de linguagem vai além dos idiomas, nela estão presentes signos sociais, econômicos, culturais, etc. A linguagem faz funcionar o contínuo movimento do sistema operacional, absorvendo alguns signos, outros deixando de lado, é nesta construção que a loucura se insere.

O sistema operacional possui a linguagem dominante, seus signos e enunciados criam a percepção compartilhada que faz emergir a realidade. É a partir da linguagem do sistema que planos de partilha emergem, é a partir de seus signos e enunciados que a experiência singular de um mapa pode ser comungada. Em nosso atual contexto o capitalismo é o sistema operacional, é sua linguagem que constrói a realidade onde vivemos.

As novas criações ocorrem a partir da abertura das portas da percepção, aumentando o contato com o plano intensivo prévio ao registro no sistema. Como mostramos, para que essas

intensidades possam ser comunicadas é necessário construir sentidos que possam ser partilhados, dessa maneira, após a viagem o mapa se reconstrói fazendo uso das coordenadas do sistema. Neste processo as coordenadas podem ser remanejadas fazendo emergir novos sentidos.

Em sua singularidade o mapa do louco faz uso de aspectos menores da linguagem, leva ao limite os horizontes de sentido, desestabiliza os enunciados hegemônicos. A loucura não é sinônimo da entidade clínica que toma o louco como doente, os sentidos da loucura são criações dentro do sistema operacional. Com isto não indicamos que não há sofrimento na loucura, e sim, que é dentro dos signos sociais que a linguagem da loucura ganhará sentido.

## **2.2 - Louco e loucura, o processo e o mapa**

“Em caso de total discrepância, é sempre a realidade que não pegou o jeito da coisa” (ADAMS, 2009a, p43)

A abertura das portas da percepção dispara uma viagem pela Onisciência. A experiência intensiva será recoberta de sentido no momento em que o fechamento operar a reconstrução territorial. A loucura, as experiências com alucinógenos, a meditação, as criações artísticas, os sonhos, estão ligados à abertura das portas da percepção. São experiências que muitas vezes desviam dos enunciados hegemônicos, seu estatuto depende do lugar que a cultura e a sociedade lhes conferem. Neste viés, a história da loucura nos mostra que a experiência da loucura não é em si positiva ou negativa, é o modo como o processo é agenciado que irá valorizar ou desvalorizar as criações de sentido divergentes.

Sujeito e mundo são agenciamentos que recobrem de sentido a experiência ao se registrarem. Tomando a esquizofrenia como exemplo, Deleuze e Guattari (2010) colocam que os dados alucinatorios são segundos em relação à experiência intensiva sobre a qual o delírio procura construir sentido. Há uma instância prévia aos sentidos da experiência ao se registrar. Entendemos não ser trivial o fato de Deleuze e Guattari usarem a esquizofrenia para exemplificar esta instância anterior à codificação de sentidos. No *Anti Édipo* (2010) os autores tomam a esquizofrenia como modelo para pensar a constituição subjetiva e social, chegando ao ponto de propor que “o esquizofrênico está mais próximo do palpitante coração da realidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.122). Entendemos que este palpitante coração da realidade é a Onisciência,

plano de onde emanam as intensidades que são recobertas de sentido no registro do sistema operacional. Este coração não está dentro do sistema operacional, vai além de qualquer signo ou enunciado, indo além dos horizontes de sentido, nele as forças e intensidades ainda sem sentido e forma estão prestes a se tornarem algo.

Os fenômenos positivos da loucura recobrem de sentido uma experiência de puras intensidades, experiências onde o polo identitário se desfaz mergulhando o sujeito no plano impessoal das forças intensivas. Ao retornar, o louco usa seu mapa para criar sentidos para aquilo que foi experienciado, muitas das vezes, não encontra nos sentidos hegemônicos enunciados e signos que deem conta daquilo que sentiu, assim, para poder compartilhar sua viagem o louco cria novos sentidos, remaneja os signos, modifica os enunciados. A fluidez de suas criações faz com que o louco não use os códigos de registro que coincidem com o social, seus códigos possuem uma fluidez extraordinária, passando velozmente por uma enorme rede de signos. Neste sentido, tomamos a loucura como uma experiência de linguagem, capaz de trapacear o sistema operacional. Para manter sua lógica em funcionamento, o capitalismo cria territorialidades pré-fabricadas onde diferentes experiências intensivas podem ser inseridas. Para determinadas experiências estas territorialidades são insuficientes, para criar sentido para o intensivo as coordenadas do sistema são remanejadas fazendo emergir novas territorialidades. Estas, uma vez criadas, podem ser cooptadas e inseridas na lógica do sistema, sendo recobertas de sentido e encaixadas em territorialidades existentes.

Por outro lado, por diferentes motivos, as novas territorialidades podem formar processos de resistência que recusam a lógica dominante. Estas territorialidades não estão fora do sistema operacional, todavia, podem gerar práticas de resistência que entram em embate com o hegemônico. A loucura é uma destas experiências desviantes, muitas vezes o louco constrói sentidos que se chocam com os impostos pela sociedade.

A loucura é contingente ao espaço-tempo onde está inserida, é uma experiência de linguagem que, tomada em sua dimensão performática, cria uma realidade divergente àquela imposta pelo sistema. O que denominamos de loucura é uma construção histórica variando de acordo com cada sistema operacional, nesta articulação, a loucura deixa de ser sinônimo de doença e passa para o lado da criação, mais do que uma entidade uma experiência de linguagem presente nos movimentos de abertura das portas da percepção. Entendendo que pelo polo coletivo de enunciação os agenciamentos constroem sentido e na sua relação com o eixo vertical

constroem territorialidades, ao tomar a loucura como experiência de linguagem entendemos que suas construções de sentido são realidades criadas no seio performático da linguagem. Para nos ajudar, tomamos algumas chaves de leitura propostas por Roberto Machado (2000).

Em *O nascimento da tragédia*, livro que para Machado (2000) *História da loucura* apresenta uma homologia estrutural surpreendente, Nietzsche denuncia a modernidade como civilização socrática racional, sociedade onde a experiência trágica se perdeu. Para Nietzsche, Sócrates opera uma mudança na maneira de ver o mundo, “Enquanto, em todas as pessoas produtivas, o instinto é justamente a força afirmativa-criativa, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criadora.” (NIETZSCHE, 2007, p.83). A partir desta inversão, a consciência, podemos também dizer, a racionalidade, ganhará força e será tomada como crivo para avaliar o mundo. Nietzsche traz à tona o embate social presente na Grécia de Sócrates, momento de incerteza social onde a racionalidade aparece como salvadora para os perigos de sublevação social.

Da mesma forma que para Nietzsche a história do mundo ocidental é a recusa da tragédia, a história da loucura é a história do vínculo entre a racionalidade moderna e o processo de dominação que destitui a loucura de sua experiência trágica. Foucault (2010) mostra como a experiência trágica da loucura, que se manifestava livremente no Renascimento, foi reprimida e enclausurada por um saber racional que na época clássica a concebeu como desrazão e na modernidade como doença mental.

A razão moderna se constitui pela exclusão de elementos heterogêneos, dessa forma, constituindo-se como verdade ao mesmo tempo em que exclui tudo que dela difere. É neste sentido que, ao comentar a *História da loucura*, Machado (2000, p.26) coloca que a loucura não é apenas uma figura histórica, é principalmente “uma experiência originária, crucial, essencial, que a razão, ao invés de descobrir encobriu, ocultou, mascarou, dominou, embora não a tenha destituído totalmente, por ela ter-se mostrado ameaçadora, perigosa”. Encontramos nesta citação pontos importantes que merecem maior atenção: a loucura ao ser tomada como experiência originária deixa em evidencia seu caráter criativo, a loucura é capaz de criar territorialidades que bagunçam os enunciados dominantes, dessa maneira, é encoberta pela sociedade que a considera perigosa.

O sujeito é o mapa formado pelos territórios por onde circula, pelos itinerários cotidianos, pelos desvios que toma. Cada mapa está no sistema operacional que funcionando como

superfície de registro cria as percepções compartilhadas que formam a realidade. Mesmo inseridos dentro do sistema os mapas passam por processos de criação, ao diluir os agenciamentos que formam os territórios é possível viajar pelo plano intensivo. No retorno, quando os agenciamentos e suas conexões são refeitas, a reconstrução pode desencadear a criação de novas territorialidades e sentidos. A criação é um procedimento de linguagem que em sua performatividade gera a realidade concreta.

Para nós é importante notar o fato para qual Machado (2000, p.27) chama atenção, “essa loucura fundamental, essencial, não é propriamente uma realidade, uma coisa, um objeto, e sim um fenômeno de linguagem”. A loucura é uma linguagem desviante, linguagem criadora de sentidos que por vezes diferem dos vigentes na sociedade. Ao colocar a loucura como experiência originária pretendemos dar relevo ao caráter criativo de suas manifestações. A linguagem invariavelmente possui uma dimensão performática, por sua vez, o performativo convoca mudanças nos agenciamentos, assim, a linguagem é diretamente construtora de realidade. Tomamos a loucura como possuidora de uma linguagem ontologicamente criadora, linguagem que não se contenta com os sentidos do sistema operacional, flui por diversas redes de signos e cria territórios, até então, inconcebíveis. Nisto reside seu perigo, linguagem desestabilizadora, a loucura mostra as possibilidades de novos arranjos existenciais, entretanto, nossa atual sociedade exclui estes novos arranjos, o capitalismo se apropria apenas daquilo que pode ser financeiramente rentável, tende a se apropriar daquilo que desvia, captura os sentidos emergentes, seja para colocá-los na lógica de consumo ou para excluí-los.

O sistema operacional é um sistema de linguagem, criando um plano perceptual compartilhado que permite o compartilhamento de experiências e sentidos. Nele, os agenciamentos se registram, extraindo uma parcela de discurso direto do *continuum* do discurso indireto. O sujeito compartilha os enunciados do sistema operacional, criando uma determinada forma de mundo que é considerada como realidade, entretanto, por mais fechado nas coordenadas do sistema operacional que alguém esteja, a comunicação com a Onisciência permanece, mesmo que através de um discreto fio imperceptível. Por menor que seja o coeficiente de abertura das portas da percepção, o movimento do eixo vertical dos agenciamentos acessa o plano das intensidades, extraindo a matéria que anima a constituição do real. Para aumentar o contato com o plano intensivo e necessário viajar abrindo as portas da percepção, ou seja, desfazer os agenciamentos que se registram no sistema operacional, diluir o eu, entendido

como instância de relacionamento com o mundo e seus sentidos. Ao retornar é possível que o processo de reconstrução de territorialidade inicie um processo que não versa pelas mesmas coordenadas do sistema operacional, assim, passando por enunciados e discursos aparentemente sem relação, experienciando outras formas de agenciamento. Criando mapas com coordenadas que diferem das hegemônicas.

Neste esquema, a loucura tem importante papel, as artes possuem muito desta linguagem originária, descodificações, novos enunciados, outros campos de registro, são características deste processo. Entretanto, não cabe um elogio desmesurado da loucura, temos que levar em consideração que este movimento pode disparar processos patológicos.

Deleuze e Guattari (2010) tomam a esquizofrenia como modelo para pensar a constituição subjetiva e social. Entendemos tal modelo como parte de uma aposta política que procura mostrar a sociedade como uma criação entre outras possíveis e não como fixa, mudando apenas de acordo com os rumos do progresso.

Para Deleuze e Guattari, “A esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejanter”<sup>18</sup> (2010, p.41). Há na base do sujeito um processo que de maneira nenhuma se confunde com a entidade clínica, este processo é a loucura como experiência de linguagem. Há na base das conexões que formam os agenciamentos uma linguagem que não se confunde com os sentidos que advêm do registro no sistema operacional. É possível que determinadas conexões e relações entre signos apareçam como sem sentido ao terem como parâmetro os sentidos do sistema.

O louco maneja os fluxos descodificados, fluxos que ainda não passaram pela codificação do sistema vigente. Fluxos que confrontam o hegemônico ao se recusarem a ser codificados na forma que lhes é imposta. “Longe de ter não se sabe qual contato com a vida, o esquizofrênico está mais próximo do palpitante coração da realidade, a tal ponto que se confunde com a produção do real.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 122). O louco está em maior contato com o plano intensivo que anima a realidade, a tal ponto que pode padecer destas intensidades quando não consegue inseri-las em planos de partilha.

A categoria doente mental vem da entificação do processo em uma determinada identidade criada pela nossa sociedade. Como nos mostrou Foucault (2010), o que denominamos de loucura é uma experiência cujo sentido variou ao longo do tempo. A loucura como entidade

---

<sup>18</sup> Tendo em vista a deriva do conceito, podemos substituir máquinas desejanter por agenciamento.

clínica é parte de um processo onde discursos médicos, sociais, econômicos e morais criam uma gama de sentidos que torna o louco desviante do instituído, em uma sociedade que preconiza o desenvolvimento e o progresso o discurso delirante não tem lugar. Para continuarmos é de suma importância entender a diferença entre a loucura como processo, como experiência de linguagem e o louco, figura do doente mental que habita nossa sensibilidade contemporânea.

Com isto, surge a questão: “Do que sofre o esquizo, cujos sofrimentos são indizíveis?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 422). Os autores ainda colocam a questão se o sofrimento está ligado ao processo ou a sua interrupção. Para nós, o sofrimento está ligado a dois pontos que se relacionam com o fator comunicacional. O sofrimento do louco surge da relação entre a experiência de linguagem e os agenciamentos que registram o mapa no sistema operacional. O louco sofre quando não consegue criar territorialidades que possibilitem efetuar novos agenciamentos, em outras palavras, quando não consegue fechar a abertura e sofre pela construção social que o trata como doente.

O padecimento não é uma característica própria da loucura, o sofrimento do louco tem origem nos signos que sustentam o sistema operacional capitalista. Quando as construções delirantes se agenciam com territórios que possibilitem a partilha da experiência intensiva os processos geradores de sofrimento encontram um lugar e podem ser arrefecidos.

Não se trata apenas da loucura, outros processos de criação podem gerar padecimento dependendo da forma como forem registrados pelo sistema. Entretanto, mesmo postos à margem do sistema, os processos de criação inserem modificações nos enunciados vigentes. Na relação entre os mapas e o sistema operacional as modificações são recíprocas. A realidade é formada por negociações de sentido, não há uma essência do real de onde os sentidos emergem, são os agenciamentos que constroem os regimes de significação. Ao trabalharmos o conceito de agenciamento mostramos a importância do eixo vertical. Neste eixo as desterritorializações efetuam aberturas de sentido e as territorializações criam zonas estáveis de sentido. Este movimento está presente tanto nas grandes mudanças sociais quanto nos processos de constituição subjetiva. A questão do padecimento aparece diretamente relacionada com a possibilidade de inserir dentro de uma coletividade os sentidos e signos criados, partilhar os signos que se possui em uma experiência coletiva é gerar saúde. Para uma melhor compreensão, tomaremos como exemplo uma cena do *Guia do Mochileiro das Galáxias*.

Fazia algum tempo que a maior parte da vida de Arthur se passava no espaço hermético e indefinido das cabines das naves espaciais quando o acidente aconteceu. A nave na qual estava viajando piscou no hiperespaço, oscilou simultaneamente em diversos pontos da galáxia até sofrer um puxão inesperado de um campo gravitacional de um planeta fora do mapa e começar a cair. Enquanto a nave caía, seus sistemas insistentemente afirmavam que tudo estava perfeitamente normal, mas quando, com um giro violento, a nave cortou furiosamente um quilômetro de árvores e explodiu em uma bola de fogo, ficou claro que as coisas não estavam tão bem assim.

Arthur, por um feliz acaso, depois de centenas de voos interestelares, era o único passageiro realmente familiarizado com os procedimentos de segurança em caso de aterrissagem forçada e, portanto, foi o único sobrevivente do desastre.

A nave havia caído em um pequeno planeta chamado Lamuella. Os habitantes jamais haviam visto uma nave espacial, em suas crenças não havia nada para além do céu, o que tornava complicado a compreensão do que seria aquele estranho objeto incandescente que desceu destruindo parte da floresta.

O Velho Thrashbarg, figura religiosa daquele povo, fez uso dos enunciados que possuía para dar sentido ao ocorrido. Para os habitantes de Lamuella a nave passou a ser uma carruagem flamejante enviada por Bob Todo-Poderoso para levar um representante dos deuses.

Para os habitantes daquele planeta uma nave espacial não fazia parte de seu horizonte de sentido. Frente ao desconhecido fizeram uso dos signos e enunciados que possuíam para criar sentidos para o ocorrido dentro das coordenadas de seu sistema operacional. O acidente e a chegada de Arthur operam desterritorializações naquele povo, em um nível molar foram necessários enunciados que absorvessem o ocorrido dentro dos horizontes de sentido existente. Assim, a partir da experiência religiosa que possuíam, construíram territórios e significações onde o desconhecido entrou no campo das percepções coletivamente compartilhadas.

Nesta cena ainda há outros pontos de perspectiva, entre eles, o de Arthur. Em um outro planeta, em um outro sistema operacional, sendo visto como uma espécie de figura divina, Arthur se sentia perdido. Precisava de um território, coordenadas que possibilitassem a construção do mapa, procurando algo familiar que pudesse servir como territorialidade mínima que catalisasse o processo, Arthur ofereceu aos habitantes o que possuía, sua habilidade em fazer sanduíches.

Fazer sanduíches é uma arte que poucos têm condição de sequer explorar. Mesmo sendo uma tarefa simples as possibilidades e variações são inúmeras. Como Fazedor de Sanduíches Arthur passou vários meses fazendo consultas diárias com o padeiro até criarem o pão com a consistência perfeita. Da mesma forma, passou vários dias com o Fazedor de Utensílios pesando e comparando facas. Como Fazedor de Sanduíches, Arthur encontrou um lugar em Lamuella na simplicidade de sua função Arthur se sentia plenamente feliz. Para os habitantes, “o Fazedor de Sanduíches fora enviado por Bob Todo-Poderoso em uma carruagem de fogo flamejante.” (ADAMS, 2009d p. 110), para Arthur, fazer sanduíches era habitar um território de partilha onde os signos que possuía podiam ser compartilhados. A partir deste momento Arthur pode se inserir no coletivo, usando sua singularidade como possibilidade de criar um lugar nos enunciados sociais.

Tomando a cena, podemos ver como molar e molecular estão em constante relação: “nenhum fluxo, nenhum devir-molecular escapam de uma formação molar sem que componentes molares os acompanhem, formando passagens ou referências perceptíveis para processos imperceptíveis.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.110), o molecular não é o individual, versa sobre linhas intensivas que perpassam todas as formações molares. O molecular não cria contorno, passa entre as coisas, viaja entre os pontos, dispara movimentos. Molarmente a chegada de Arthur foi territorializada dentro das crenças religiosas daquele povo, molecularmente uma série de novos agenciamentos e territórios surgiram. Pequenos hábitos do cotidiano foram modificados, os sanduíches passaram a ser parte importante da alimentação, o padeiro, junto com Arthur, criou um novo tipo de pão, a carne salgada passou a ser cortada em tiras para os sanduíches, da mesma forma, parte dos produtos agrícolas colhidos passaram a ser destinados para a nova especiaria.

O acontecimento disparou modificações, é necessário colocar que as desterritorializações não são absolutas. Tomando no eixo horizontal o discurso indireto como importante aspecto da linguagem, podemos perceber como as mutações acontecem em um *continuum* (como na brincadeira telefone sem fio), da mesma forma, as desterritorializações mantêm pontos que permitem a criação de novas territorialidades. Alguns enunciados foram criados, outros remanejados em novos sentidos, de maneira que a presença de Arthur passou a fazer parte daquele sistema operacional.

O ocorrido trouxe modificações tanto para os Lamuellanos como para o mapa de Arthur. Como colocado, é o mapa que opera a junção entre os níveis molar e molecular no registro no sistema operacional. Este aspecto é de suma importância, pois, nos movimentos molares e moleculares de desterritorialização e territorialização o mapa atua como ponto de junção, onde as subjetividades se expressam em uma singularidade. Nos processos de abertura de sentido, quando acontece a abertura das portas da percepção e o mergulho na Onisciência, uma parte do eu deve permanecer para que possa ocorrer a criação de novas territorialidades. Como no palimpsesto, por mais que os agenciamentos se desfaçam e os traçados que formam o mapa sejam apagados, algumas marcas permanecem. Em um outro sistema operacional Arthur usou traços pertencentes ao seu mapa, a habilidade de fazer sanduíches, para criar territorialidades que pudessem ser registradas no novo sistema e compartilhadas coletivamente.

Vive-se entre variados territórios de múltiplas constituições (molares e moleculares), a cidade, o trabalho, os ambientes de lazer, a casa, mas, há sempre coordenadas que permanecem permitindo a circulação por outros territórios e a criação de novos. O mapa é sempre concreto, criado enquanto é traçado, neste sentido, é de suma importância que por mais forte e violenta que seja a abertura das portas da percepção e a diluição do eu algo permaneça enquanto possibilidade para construções futuras. Voltando à loucura como processo, é necessário insistir, há um sintoma que antecede a experiência de criação de sentido: delírio e alucinação são segundos em relação à experiência de intensidades, devires, passagens (DELEUZE; GUATTARI, 2010). A partir de Schérer (2005), podemos pensar esse sintoma como um mínimo que deve permanecer na experiência para transformar as quantidades intensivas em sentido. A abertura do eu deve ser sucedida pelo seu fechamento, há uma barreira, um limite que impede que se caia na loucura: “esse limite é qualificado por um ‘mínimo’ de eu (moi), que deve subsistir no delírio, e que o orienta, transforma-o em ideia e em ato” (SCHÉRER, 2005, p.136). É necessário um mínimo de forma, um mínimo de sujeito para que se possa extrair materiais, afetos e agenciamentos.

A dissolução do eu é o ponto de partida para viagem e seus processos de criação. A abertura dos agenciamentos aumenta o grau de comunicação com a Onisciência, permitindo maior contato com o plano intensivo que anima a realidade. Para dar sentido a experiência intensiva é necessário retornar, reconstruir os agenciamentos, fazendo uso dos signos e enunciados do sistema operacional. Para que a reconstrução ocorra algo deve permanecer, por mais intensa que seja uma viagem é de suma importância que aspectos do mapa permaneçam

funcionando como catalisadores dos processos de reconstituição territorial. Entendemos que para a criação não se transformar em loucura, é necessário criar sentidos que possam compartilhar a experiência intensiva. Dito de outro modo, mesmo que a impessoalidade seja condição necessária para o ato criador, esta é uma tendência que pode conduzir a processos patológicos. Assim, se torna crucial traçar a linha que separa a criatividade que constrói da “não-criatividade - que é uma queda no caos, uma demolição” (SCHÉRER, 2005, p.136). São as coordenadas que permanecem no mapa, por mínimas que sejam, a linha que separa a criação da destruição, permanecendo para poder reconstituir o eu, deste modo funcionando como “porta entre dois devires” (DELEUZE; GATTARI, 1997a, p.35).

Para Deleuze e Guattari, existem três grandes estratos que nos amarram diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. Três estratos que se articulam e criam organização: o organismo forma o limite concreto do mapa, seu aparato delimita as possibilidades perceptuais e forma o contorno que separa o eu do mundo. A significância forma o campo dos signos e sentidos, é ela quem permite a comunicação e a partilha de sentidos. A subjetivação cria processos singulares expressos em cada mapa e também constitui a experiência de um si que, diferente do outro, pode com este se relacionar. No registro no sistema operacional os três estratos funcionam como matéria constitutiva básica da experiência social e individual, de tal maneira que, para a impessoalidade dos processos de criação não se tornar destruição é necessário que aspectos dos diferentes estratos permaneçam.

No limite, desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação. A significância cola na alma assim como o organismo cola no corpo e dela também não é fácil desfazer-se. E quanto ao sujeito, como fazer para descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante? (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.22)

Cada organismo possui horizontes de sentido, um limite que delimita até onde pode ir e o que pode fazer; a significância cria campos de registro que constroem experiências perceptuais compartilhadas, uma cultura, um idioma; a subjetivação, pensada sempre como processo, faz emergir determinadas experiências subjetivas de acordo com o sistema operacional vigente.

Assim, mesmo sempre articulados com outros, estes três estratos possuem particular importância no mapa, criando aquilo que se expressa como sendo sua subjetividade<sup>19</sup>.

O mapa se constitui como singularidade, tornando-se operador de territorialidades, agenciando diferentes estratos em níveis molares e moleculares. Encontramos aí a linha que separa o processo da entidade clínica, para experimentar maiores graus de abertura com a Onisciência é necessário permanecer o suficiente de corpo para recompor as territorialidades, são necessárias parcelas de significância para que se possa compartilhar as experiências, é dentro da linguagem do sistema que se pode trapaceá-lo, é necessário manter os processos de subjetivação, modos de se recriar e estar no mundo. “É preciso conservar o suficientemente para poder responder a realidade dominante.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p23). Mesmo os processos de resistência de alguma forma precisam responder a realidade dominante. Em nosso contemporâneo, o capitalismo se impõe como dominante, em sua axiomática procura capturar todos os extratos que formam a existência. Organismo, significância e subjetivação não escapam a insaciável fome do sistema, que em suas estratégias de produção se apropria das forças criativas. Todavia, é a partir das coordenadas do sistema que processos de criação podem ser disparados, é a partir das linhas que formam o mapa que as viagens podem ganhar sentido, é a partir da realidade dominante que focos de resistência podem emergir.

O sistema operacional fabrica o plano perceptual compartilhado que forma a realidade. É fazendo uso de seus elementos que novas construções e arranjos podem emergir. A efemeridade das formas não se opõe à necessidade das formas, após a abertura deve haver o momento de reconstituição. Movimento oscilatório entre os estratos que criam formas e as aberturas que se ligam à Onisciência.

Dado o exposto, voltamos à diferença entre a loucura processo e a entidade clínica. O mapa do louco pode se perder em meio a outras parciais de subjetividade, a viagem pode permanecer sem pontos de parada que propiciem a constituição de territorialidades. Contudo, não é uma individualidade do louco que o torna entidade clínica, mas sim, sua singularidade, e esta é inseparável do sistema operacional.

Explicamos melhor. Em 1994, Terence McKenna pronunciou na University of Washington in Seattle uma palestra intitulada “Eros and Eschaton”. Na parte final da palestra, o

---

<sup>19</sup> Tendo em vista que a subjetividade não é exclusividade humana, lugares, coletivos, animais, possuem subjetividades que versam por outros estratos.

pesquisador etnobotânico discute a relação entre xamanismo e esquizofrenia. Para McKenna, um xamã é alguém que nada no mesmo oceano que o esquizofrênico, mas possuiu uma cultura que o confere suporte. O xamã e o louco são experiências de abertura das portas da percepção, em ambos os casos está em jogo um maior coeficiente de contanto com as intensidades da Onisciência. Quando as sociedades analisadas por McKenna designam a experiência de abertura como xamânica, está sendo operado o performativo da linguagem que agencia o xamã com os signos de seu sistema operacional e lhe confere lugar privilegiado. Por outro lado, quando nossa sociedade designa a experiência de abertura como loucura, o performativo cria a identidade de um louco, e esta se insere em agenciamentos que no sistema operacional capitalista desqualificam a experiência.

Xamã e louco são experiências que ganham sentido ao serem registradas no sistema operacional, possuem em comum um alto coeficiente de abertura das portas da percepção, o que McKenna (1994) nomeia de “nadar no mesmo oceano”. Os sentidos atribuídos por cada sociedade vão além da experiência individual do louco ou xamã, formam redes de enunciados e signos onde os sentidos emergentes se agenciam com territórios e instituições sociais. A singularidade de cada uma destas experiências está relacionada aos signos que o sistema operacional a elas faculta, proporcionando formas diversas de inserção no coletivo e partilha de planos comunicacionais.

Para o antropólogo, existem sociedades que conferem ao xamã lugar privilegiado como curandeiro e profeta, por outro lado, nossa sociedade exclui o louco como desviante dos enunciados estabelecidos pelo sistema operacional. Neste sentido, o louco é aquele cuja singularidade está agenciada de formas menos convencionais, nosso sistema operacional tende a desqualificar está experiência, taxando a linguagem da loucura de delírio e o louco de doente.

Os estratos são também regimes de signos, contêm seus próprios enunciados, e estes também estão em mutação, o que torna a experiência da loucura singular em cada tempo. O processo da loucura faz usos não convencionais dos enunciados e signos sociais, uma subjetividade que pode se agenciar com outros mundos e outras subjetividades de maneiras impensáveis para os mapas capturados pelo sistema. Esta forma de criação de sentido é comumente denominada delírio, indicando sentidos que se opõem a realidade dominante, todavia, levamos o delírio para além de sua relação patológica, entendendo sua operatória como presente nos mais diversos campos sociais e artísticos.

### 2.3 - Delírio e a construção de um povo que falta

“As pessoas acham que basta dizer “alucinações” que tudo o que você quer explicar fica magicamente explicado e, se sobrar alguma coisa que você não consiga entender, isso eventualmente desaparece.” (ADAMS, 2009c, p118)

Na noite em que voltou para a Terra, Arthur pegou carona em um carro com dois passageiros. Um deles, o motorista, era um sujeito loiro e mal humorado chamado Russel. O segundo era a irmã de Russel, na ocasião em questão, estava apagada no banco de trás sob o efeito de fortes sedativos.

A irmã de Russel se chama Fenchurch, alta, com cabelos negros que caem em volta do rosto com um ar meio perdido que combina com o semblante. Em tudo indica ser uma garota como todas as outras, entretanto, como fala seu irmão: “Ela diz que sofre de delírios estranhos, de que está vivendo no mundo real. Não adianta nada dizer para ela que ela *está* vivendo no mundo real, porque ela diz que é exatamente por isso que os delírios são tão estranhos.” (ADAMS, 2009c, p38). Fenchurch não tem dúvidas de que habita o mundo real, o mundo da realidade dominante. Seu mapa está agenciado de maneira que consegue responder as instituições sociais, possui um lugar nas territorialidades molares de maneira que maneja os signos sociais e ocupa um lugar no plano perceptual compartilhado. Todavia, experiencia aspectos da realidade que passam despercebidos para o resto das pessoas com quem convive. Determinados pormenores de seu discurso não encontram lugar nos signos e enunciados hegemônicos, dessa maneira, são desqualificados, indicados como delirantes.

Foucault (2010) coloca que os sentidos foram tomados como modelos para pensar os delírios e alucinações, nesse viés a loucura seria a valorização como real de algo pertencente ao mundo da imaginação. Dessa forma, a loucura, no sentido clássico, mais do que uma mudança na alma ou no corpo, é a manifestação de um “discurso delirante”. O delírio aparece como produção própria da loucura, condição suficiente e necessária para que uma doença seja chamada de loucura: “Neste delírio que é ao mesmo tempo do corpo e da alma, da linguagem e da imagem, da gramática e da fisiologia, é que começam e terminam todos os ciclos da loucura.” (FOUCAULT, 2010, p.238). O delírio é uma construção de linguagem e como tal interfere

diretamente na realidade, sua performatividade cria territorialidades com sentidos próprios que por vezes se opõem aos dominantes.

O delírio comumente tem seu sentido ligado aos campos médicos e psicológicos relacionados à saúde mental, entretanto, propomos tirar o delírio destes campos e levá-lo para o campo da produção social. A loucura não é o delírio, e ainda, o delírio não é propriedade do louco, uma simples definição: delírio é construção de sentido para experiências intensivas, possuindo seu próprio princípio de decifração interno. O delírio é um tipo de viagem, um procedimento de criação de sentidos para experiências intensivas. O louco possui um maior coeficiente de abertura das portas da percepção, mergulha em campos descodificados e experimenta fluxos sem sentido, para dar conta do que experienciou procura signos e enunciados que qualifiquem e componham forma para o intensivo. A violência de sua experiência pode não encontrar dentro dos signos correntes sentidos satisfatórios, obrigando o louco a fazer usos incomuns da linguagem.

A lógica do sistema capitalista valoriza as novas criações, o movimento de suas engrenagens depende do consumo que se alimenta das novidades de mercado, entretanto, as construções da loucura tendem a fugir da lógica mercantil, versam por aspectos que suplantam as possibilidades de captura do sistema. Assim, o discurso delirante é enquadrado em territorialidades prontas que o designam como doente, desqualificando sua experiência e impondo barreiras para a criação de planos de partilha.

Como já colocado, a dissolução dos agenciamentos que formam o eu permite aumentar os graus de contato com a Onisciência, ao reconstituir os agenciamentos e territórios as intensidades que foram experienciadas ganham sentido a partir da singularidade de cada mapa. É possível que no retorno, dentro das coordenadas do sistema operacional não se encontre enunciados e signos que deem conta de criar sentido para o que foi experienciado, dessa maneira, signos e enunciados são remanejados, horizontes de sentidos são misturados e uma nova rede de sentidos emerge. Neste viés, delírio designa o processo de criação de uma rede de sentidos que forma um todo coeso com seu próprio princípio de decifração interno.

O delírio possui sua própria gramática, cria um campo perceptual com seus próprios signos. Dessa maneira, a própria realidade é um delírio cujos signos e enunciados são preponderantemente compartilhados dentro do plano social. Podemos observar como os sentidos são contingentes, mesmo os grandes signos hegemônicos que tomamos de maneira naturalizada

mudam dentro de diferentes espaços-tempo. Por exemplo, o imaginário tinha na Idade Média um lugar de difícil compreensão para alguém com a visão de mundo do sistema operacional ocidental contemporâneo, “o imaginário tinha uma presença tão intensa e se manifestava de modo tão extremo que, se atuante em uma pessoa de nossos tempos, certamente a colocaria em um hospício.” (RODRIGUES, 1999, p.49). Visões prodigiosas de cavalos alados, dragões e anjos eram tomados como verdadeiras, o sistema operacional medieval suportava tais experiências. “A Idade Média privilegiava a oralidade e atribuía ao dito uma credibilidade que nós, seres do escrito, tenderíamos a considerar mera e ingênua credulidade” (RODRIGUES, 1999, p.49). A Idade Média possuía um sistema operacional onde o que hoje seria considerado como delírio era tomado como verdadeiro, eram outras redes de signos, outros enunciados, que conferiam maior valor a oralidade e permitiam o compartilhamento destas experiências.

Rodrigues (1999), inspirado em Jacques Le Goff, coloca que os medievais, se comparados aos renascentistas, não sabiam olhar, todavia, estavam sempre dispostos a acreditar no que lhes era dito. Uma sutil diferença perceptual, uma sensibilidade que nossa sociedade visiocêntrica não compreende. Cada sociedade possui seus próprios horizontes de sentido, ao olharmos para outra sociedade através de nossa rede de signos, tomamos por sem sentido elementos que dentro de tal sociedade formam um todo cultural coeso, onde os signos fazem sentido dentro de sua rede de relações. É dessa forma que a cultura como sistema operacional cria agenciamentos, o sistema operacional cria o sujeito que de tal maneira se percebe e percebe o mundo, ao mesmo tempo em que cria o mundo e os signos que o compõe.

Humberto Eco (2012), neste mesmo sentido, coloca que o homem medieval vivia em um mundo onde Deus se manifestava diretamente, assim, um hipogrifo era tão real quanto um leão, pois ambos eram manifestações de uma verdade superior. Eco destaca que alguns autores tomaram essa característica do homem medieval como expressão de uma visão deformada e confusa da realidade, “uma fraqueza na percepção da linha de separação entre as coisas” (ECO, 2012, p.105). Os mapas são constituídos dentro de um sistema operacional, a percepção que temos de outros espaços e tempos ocorre a partir dos signos que formam nossos sentidos. Olhamos para outros sistemas a partir das redes de signos que possuímos e que formam nossa percepção. Tomar a visão de mundo medieval como fraqueza perceptual é tomar a rede de signos de nosso sistema operacional como única possibilidade de mundo. Olhamos para outras sociedades através de nosso sistema operacional, através de determinados horizontes de sentido e

seus signos, é um erro achar que a maneira como olhamos para outro tempo ou outra sociedade é neutra. Cada sistema operacional cria uma experiência de partilha perceptual que forma a realidade, diferentes sociedades criam diferentes experiências de realidade. Para Mckenna:

Segundo o ponto de vista do xamã psicodélico, o mundo parece existir mais na natureza de uma expressão vocal ou de uma narrativa do que relacionado de qualquer modo aos léptons e bárions ou carga e *spin* dos quais falam nossos sumos sacerdotes, os físicos. Para o Xamã, o cosmo é uma narrativa que se torna real enquanto é contada e enquanto conta a si própria. (1995, p.18).

Não levamos em conta que a materialidade de nossa realidade é uma criação de linguagem, hoje os discursos da ciência e do capitalismo possuem maior valor em nosso sistema operacional, em outros lugares e épocas outros discursos estavam em cena. Os enunciados e signos formam agenciamentos dentro dos sentidos do sistema operacional. Nossa sociedade valoriza o discurso científico em detrimento de outros possíveis, acabando por tomar esta valorização como índice de verdade, fazendo com que os discursos que versam por outras redes de sentido sejam tomados como sem ou de menor valor.

Deleuze e Guattari (2010) colocam que “O delírio é a matriz em geral de todo investimento social” (p.365), a realidade é uma criação de linguagem que forma a materialidade do mundo. Os signos e enunciados são construções de sentido entre outros possíveis, o que chamamos de realidade é um delírio em alguma instância compartilhado, as criações de sentido de uma época pertencem a esta mesma época. O sistema operacional faz com que as redes de signos formem sentidos coesos para aqueles que as experienciam. O devir da história modifica a maneira como os agenciamentos acontecem, modifica a maneira de se perceber e perceber o mundo. É comum tomar o social como natural, criado *ex nihilo*, contudo, esta naturalização é o efeito de um sistema operacional constituído e modificado ao longo do tempo, “a nação é a própria operação de uma subjetivação coletiva, à qual o Estado moderno corresponde como processo de sujeição” (DELEUZE; GATTARI, 1997b, p.167). O sistema operacional faz uso dos extratos: organismo, significância e subjetivação. Através deles cria territórios de sentido que operam processos de subjetivação coletiva, formando a experiência perceptual compartilhada que denominamos de realidade. É de acordo com as coordenadas do sistema que as experiências ganharão sentido, mas uma vez o embate entre os processos de criação e o sistema surge, aquilo

que escapa da lógica dominante é marginalizado. É necessário esforço para manter focos de resistência que partilhem seus próprios signos sem que estes sejam capturados pela lógica hegemônica.

O sujeito não está isolado, mas sim, conectado, agenciado com uma infinidade de parciais que o formam, é necessário ir além da individualidade para ver o todo de relações entrecortadas que formam o mapa. Assim, o sistema operacional cria, seleciona os sentidos, tomando alguns como verdadeiros e outros como falsos, são estes segundos que comumente são chamados de delírios. Entendemos que o delírio, tomado em uma forma pejorativa, é assim qualificado por ser uma criação de sentido que não é compartilhada, a experiência da loucura possui intensidades que excedem as possibilidades de registro dentro de determinadas coordenadas temporais e geográficas, assim, o louco constrói um delírio viajando pela história e mundo, retira elementos dispares de outros tempos e lugares, faz saltos e junções, constrói sentidos que possuem sua própria codificação. Da mesma forma que olhamos para Idade Média através dos enunciados hegemônicos de nosso sistema operacional, olhamos para o delírio do louco como sem sentido, pois, não possuímos os mesmos códigos e registros daquela experiência.

Aqui mais uma vez a arte encontra a loucura. Deleuze insistia que a arte cria um povo que falta, a arte não se destina a um povo, mas a um povo a ser criado, um povo que compartilha determinada rede de signos e é capaz de compartilhar sentidos. O delírio se torna patológico quando se encerra naquele que delira, fazendo com que seja colocado a margem da sociedade, por outro lado, o delírio é a criação de sentidos, assim, ao ser compartilhado cria um povo.

O delírio é um procedimento de criação de sentido, faz uso de códigos e enunciados que divergem dos enunciados hegemônicos do sistema operacional. Ao tomar essa construção como produção individual e pejorativamente divergente, cria-se a imagem do louco, isolado e impossibilitado de compartilhar as percepções que criam a realidade dominante. Ao compartilhar seu delírio, seja através de manifestações artísticas ou inserido em planos sociais minoritários, se estabelecem novas redes de agenciamento, fazendo emergir um povo que compartilha determinadas percepções.

Não se trata de dizer que o delírio cria um novo sistema operacional, todo delírio é histórico mundial por fazer uso de múltiplas redes de signos que estão espalhados pelo mundo e pelo tempo, o delírio está no campo da trapaça, para usarmos uma expressão de Barthes (1996). Para este autor a linguagem humana é um lugar fechado, a criação literária dentro da linguagem

faz outros jogos, trapaceia a linguagem criando novos sentidos. Da mesma forma, não há possibilidade de sentido fora do sistema operacional, é necessário usar seus próprios elementos para criar novos, trapacear a linguagem dominante, fazer usos indevidos, relações absurdas, criptografar os códigos, entrar em zonas de ressonâncias intensivas que não se fazem por similaridade ou representação. O delírio do louco consiste em ser “todos os nomes da história”, Nietzsche em 3 de janeiro de 1889 em carta a Cosima Wagner escreve:

Fui Buda entre os indianos, Dioniso na Grécia —Alexandre e César são minhas encarnações, da mesma forma Lorde Bacon, o poeta de Shakespeare. Por último, fui ainda Voltaire e Napoleão, talvez Richard Wagner [...] O que é desagradável e constrange a minha modéstia é que todos os nomes da história, no fundo, sou eu — finalmente Dioniso e o Crucificado

É certo que as *Wahnbriefe* (Cartas da loucura) são parte do colapso que mergulhou Nietzsche no terrível quadro que durou os dez anos seguintes até sua morte, contudo, estes escritos apresentam uma estranha lucidez que estabelece elos entre a obra filosófica e o homem e sua loucura. No trecho que destacamos vemos um ser que excede seu próprio corpo e tempo, buscando na história figuras que contornem sentidos para o momento. Nietzsche não se detém em personagens biográficos, faz uso de nomes históricos como signos intensivos, ao se colocar como Buda, o filósofo não se atém à figura do homem, mas sim, ao efeito Buda entre os indianos. Nietzsche em meio ao turbilhão da experiência que dilui seu mapa busca em outros espaços-tempo coordenadas de sentido que permitam comunicar a outros o que ocorre.

A realidade se expande, outros continentes, outras eras, e, os nomes que a elas se ligam surgem como parte do próprio Nietzsche, que ao tornar-se todos os nomes da história trapaceia a linguagem na medida em que a comunica a seus destinatários.

Dessa forma, voltamos à questão, qual o estatuto da realidade? A realidade é uma experiência perceptual em alguma instância compartilhada. A realidade ganha tal estatuto por ser compartilhada por um coletivo, “entendemos que a linha que separa o delírio do real não está no fato de uma percepção ser falsa ou verdadeira, mas na possibilidade de compartilhar uma percepção.” (GRIPP, 2013, p.11).

Uma ideia cara a Freud e a psiquiatria tradicional é que a loucura tem como principal fundamento a perda de realidade, por outro lado, o louco apenas o é por estar em um sistema

operacional que marginaliza sua experiência, obrigando-o a criar sentidos que nem sempre encontram um povo que compartilhe.

A experiência com intensidades puras está ligada ao coeficiente de abertura das portas da percepção, uma viagem pelo plano intensivo. Na experiência do cotidiano as coordenadas do sistema operacional criam a realidade compartilhada, mantêm fechadas as portas da percepção, deixando passar o mínimo de intensidades sem os sentidos dominantes. Ao abrir as portas da percepção, o “eu” se dilui, os agenciamentos do sistema operacional se desterritorializam permitindo a viagem pelo plano onde o informe e sem sentido é acessado e usado como matéria prima para criação. Deleuze e Guattari chegam a colocar que “Só a viagem esquizofrênica.” (2010, p.297), a viagem como processo de criação maneja fluxos descodificados, como a linguagem da loucura, carrega a possibilidade de criar novas relações para os signos correntes. A viagem se faz através da abertura das percepções e agenciamentos que se registram no sistema operacional. Viajar é ir além do mapa, além dos sentidos pré-estabelecidos, é vagar por um espaço liso onde as intensidades flertam com sentidos e formas ainda a serem constituídos.

Usar o termo viagem não é usar uma metáfora, não devemos opor viagens interiores e exteriores, estes termos são coordenadas experienciais. Falamos em viagem para deixar claro que se trata de sair de um determinado território existencial, o capitalismo insiste em colocar as viagens em termos de turismo, vendendo territórios pré-fabricados com sentidos comuns onde o deslocamento ocorre entre pontos familiares. Viajar é entrar em contato com o desconhecido, sair do conforto dos territórios rotineiros, estando sujeito a processos de diferenciação que operam modificações subjetivas. A viagem é a dissolução dos agenciamentos que formam o eu, instância adaptativa social, necessária, mas que funciona como dois gumes, possibilitando o compartilhamento social ao mesmo tempo limitando o campo experiencial possível. A viagem se faz no plano das intensidades: “não é uma experiência alucinatória e nem um pensamento delirante, mas um sentimento, uma série de emoções e de sentimentos como consumo de quantidades intensivas que formam o material das alucinações e delírios subsequentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.117).

Viagens se operam no entre, são deslocamentos, e como tal, requerem retorno. Tão importante quanto deixar um território é a criação de um novo, contudo, por vezes o louco possui um mapa com coordenadas que pouco passam pelos grandes estratos sociais, dificultando o

compartilhamento de suas experiências. As sociedades capitalistas produzem uma homogeneização das subjetividades, excluindo subjetividades que não são capitalizadas.

Tendo em vista que o mapa concerne tanto a espacialidade quanto aos sentidos, podemos tomá-la como singularidade, articulando os três grandes estratos: o organismo, a significância e a subjetivação. O delírio deixa de ser propriedade do delirante e entra na dinâmica de criação de sentido possibilitando que possa ser compartilhado, a diferença entre o delírio criação e o delírio patologia está na criação de um povo que falta.

## Considerações Finais

John Watson, ou como preferia ser chamado, Wonko, o são, era pela maior parte das pessoas considerado louco. Era alto e desengonçado, vestindo um roupão sujo passava a maior parte dos dias deitado em uma espreguiçadeira olhando com profunda e tranquila tristeza para o Oceano Pacífico enquanto esperava a visita dos anjos que, vez ou outra, apareciam em suas motonetas. Contudo, entre as inúmeras razões pelas quais o consideravam louco, era a peculiaridade de sua casa a que mais chamava atenção. Um dia Wonko percebeu que o mundo havia enlouquecido completamente, para ajudá-lo decidiu construir um asilo e colocá-lo dentro, torcendo para que ficasse melhor logo. Assim, construiu sua casa ao avesso: o que era o lado de fora passou a ser o lado de dentro, o interior do asilo. O lado de dentro passou a ser o de fora, o exterior do asilo.

A casa de Wonko nem sempre foi desta maneira, por muito tempo habitou em casas cujo exterior e interior obedeciam às convenções sociais. Todavia, em uma ensolarada manhã de quarta-feira após a refeição matutina um pedaço de algo que havia comido se alojou entre os dentes, tentou tirá-lo com a língua, em seguida com a ponta das unhas, nenhuma das estratégias alcançou o resultado almejado. Foi até a cozinha e pegou um caixa de palitos de dente, retirou um, e rapidamente o fiapo responsável pelo incômodo foi retirado. Satisfeito com o fim do problema sorriu e olhou para a caixa que segurava, reparou em seu formato, e ao virá-la um pouco de lado pode ler: “*Segure o palito no centro. Umedeça a extremidade pontiaguda na boca. Insira entre os dentes, a extremidade afiada próxima à gengiva. Movimento suavemente de dentro para fora.*” (ADAMS, 2009c, p164).

Por alguns instantes olhou incrédulo para caixa, mais uma vez leu o que estava escrito e, por mais alguns instantes, permaneceu incrédulo. Então com assombro chegou à conclusão “de que uma civilização que havia perdido a cabeça a ponto de sentir a necessidade de incluir instruções de uso detalhadas em uma caixinha de palitos de dentes não era uma civilização onde eu pudesse viver e continuar são” (ADAMS, 2009c, p164). Wonko percebeu como os enunciados, por mais triviais que sejam, sustentam o sistema. Em sua experiência com a caixa de palitos de dentes compreendeu como os regimes de enunciados produzem processos de subjetivação que constroem mapas em coordenadas específicas. Frente à constatação recusou os

signos hegemônicos, construiu uma outra rede de sentidos onde o território formado por sua casa passou a ser uma zona sã em oposição ao sistema patológico que gere o mundo.

O sistema capitalista como sistema operacional possui os enunciados e signos dominantes, seus fundamentos baseados na lógica financeira mercantil privilegiam as territorialidades comercializáveis. Vende formas de ser, maneiras de desejar, modos de se relacionar, todos os aspectos que constituem a subjetividade podem de alguma maneira ser comercializados.

A viagem, tomada como processo criativo que pode ocorrer em diferentes procedimentos, entra em contato com o plano intensivo onde os sentidos do sistema não estão presentes. Desta matéria intensiva pode criar novos arranjos para os signos e enunciados que formam o sistema, por vezes, fabricando territórios de sentido que se opõe a lógica dominante. Entretanto, como nos mostra Neves (2004), o capitalismo procura se apropriar dos múltiplos aspectos das potências criativas, procura inserir em sua lógica os diferentes modos de estar nos verbos da vida. O que se apresenta é um embate, entre os processos criativos que divergem e os sentidos hegemônicos que procuram capturá-los.

Wonko encontrou sua solução, usou um signo próprio do sistema, o binarismo entre saúde e doença, para construir um território que tornou-se sua possibilidade de saúde. Ao construir sua casa como “exterior do asilo”, criou uma rede de signos partilháveis. Por mais que a maior parte do mundo o designasse pejorativamente como louco, sua esposa e os visitantes ocasionais compartilhavam dos signos que o tornavam Wonko, o são.

Como Wonko, outras possibilidades de partilha diferentes das impostas pelo sistema são concebíveis. Ainda que não seja possível sair do sistema operacional, é possível usar seus signos e enunciados em diferentes relações, trapacear sua linguagem, criando territorialidades que comunguem signos que resistam à lógica dominante. É possível usar a viagem para construir diferentes territórios, sejam eles manifestações artísticas, planos sociais e culturais minoritários ou outras constituições que integrem regimes de signos a relações materiais correspondentes. Neste viés, a loucura perde seu caráter identitário como doença mental e, assim, a linha que separa a patologia da saúde passa a ser a possibilidade de integrar as viagens do louco em planos que possam compartilhar seus sentidos. Construir territorialidades que possam potencializar o caráter criativo da linguagem da loucura e ao mesmo tempo criar contornos de cuidado para os processos intensivos que possam gerar sofrimento.

## Referências Bibliográficas

ADAMS, DOUGLAS; O guia do mochileiro das galáxias, Editora Arqueiro, São Paulo, 2004

\_\_\_\_\_. O restaurante no fim do universo, Editora Arqueiro, São Paulo, 2009a

\_\_\_\_\_. A vida o universo e tudo mais, Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2009b

\_\_\_\_\_. Até mais, e obrigado pelos peixes, Rio de Janeiro, editora Sextante, 2009c

\_\_\_\_\_. Praticamente inofensiva, Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2009d

BARRETO, Lima. O feiticeiro e o deputado *in* Contos Completo; Companhia das letras: São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

BARTHES, Roland. Aula. Cultrix: São Paulo, 1996.

DAUDET, Alphonse. O segredo de Mestre Cornille *in* Contos; Cultrix: São Paulo, 1993.

DELEUZE, Gilles. *A Imanência: Uma Vida...*; 1995; Disponível em: [http://www.dossie\\_deleuze.blogspot.com.br/](http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/); Acesso em: Dez. 2011.

\_\_\_\_\_. A literatura e a vida. *In* Crítica e Clínica. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs Vol. 1: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs Vol. 2: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs Vol. 3: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs Vol. 4: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a.

\_\_\_\_\_ Mil Platôs Vol. 5: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b.

\_\_\_\_\_. Kafka para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

\_\_\_\_\_. O Anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010b.

DELEUZE, Gilles; PARENET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René; *Meditações in Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

FOUCAULT, Michel; *Linguagem e Literatura in Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. O Retorno da Moral, *in Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura na Idade clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder *in Michel Foucault uma trajetória filosófica*; DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. Debate sobre o romance; *in* Ditos e Escritos III, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a

\_\_\_\_\_. O que é um autor? ; *in* Ditos e Escritos III, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b

\_\_\_\_\_. Sete proposições sobre o sétimo anjo; *in* Ditos e Escritos III, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001c

GRIPP, Vitor Emanuel. Percepção e Criação: Diálogos entre a Gestão Coletiva dos Sonhos e Sartre; *Mnemosine* Vol.9, n 1, p.48-60, 2013.

HAWKING, Stephen. O universo numa casca de noz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HUXLEY, A. As Portas da Percepção e Céu e inferno. São Paulo: Editora Globo, 2002.

\_\_\_\_\_. A Filosofia Perene. São Paulo: Editora Globo 2010

LENIN, Vladimir. A propósito das palavras de ordem *in* Obras Escolhidas em Três Tomos. Edições Avante, Lisboa, 1977. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/07/15.htm> acesso em 29/04/2013.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIBERA, Alain. Arqueologia do sujeito Vol. I: Nascimento do sujeito. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

MACHADO, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

McKENNA, Terence . Eros and Eschaton, Palestra pronunciada na University of Washington in Seattle em 1994. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=z-r2t6Bxzvk>. Acesso em: 5 de Set de 2012.

\_\_\_\_\_. O Alimento dos Deuses. Rio de Janeiro: Nova Era, 1995.

\_\_\_\_\_. Culture is your operating system, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9c8an2XZ3MU> acessado em fevereiro de 2013, 2007

MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009

MELITOPOULOS, Angela; LAZZARATO, Maurizio. O animismo maquínico; *in* Cadernos de Subjetividade. São Paulo: Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica da PUC – SP, 2011

NEVES, Claudia E. Abbês Baeta; Pensando o contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital; *in* Revista Lugar Comum, LABTec/UFRJ, No19-20, pp. 135-158, 2004.

NIETZSCHE, F.; Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”, *in* Cultura e subjetividade. Saberes Nômades, org. Daniel Lins. Papyrus, Campinas 1997; pp.19-24.

SCHÉRER, R. Homo Tantum o Impessoal: Uma Política. *in* Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000

\_\_\_\_\_. Sem Rosto: Limites das Prerrogativas do eu (moi) na criação – a ideia de mínimo em Deleuze; *in* Polifonias: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005

PANKOW, Gisela. O homem e sua psicose. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

WEBER, Max. A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Darumá, 2004.

## **DOCUMENTÁRIOS**

THE COLA CONQUEST. Direção: Irene Lilienheim Angelico. Produção: DLI Productions. 1998, DVD, (150min.)